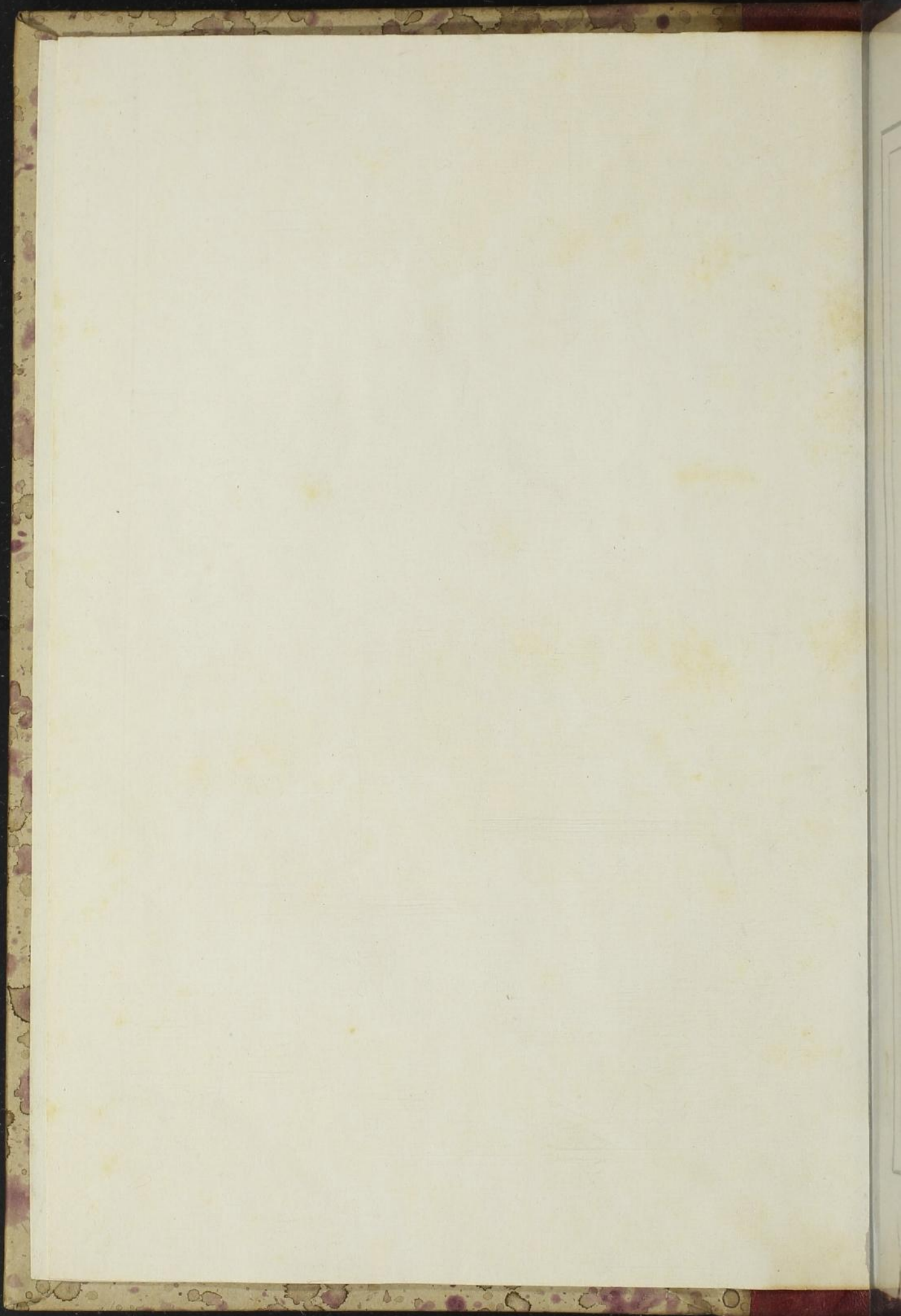


Je ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



A CONVERSÃO DE UM CALCETA

DRAMA EM UM PROLOGO E TRESE QUADROS

Tirado do celebre romance de Victor Hugo, intitulado

OS MISERAVEIS

POR

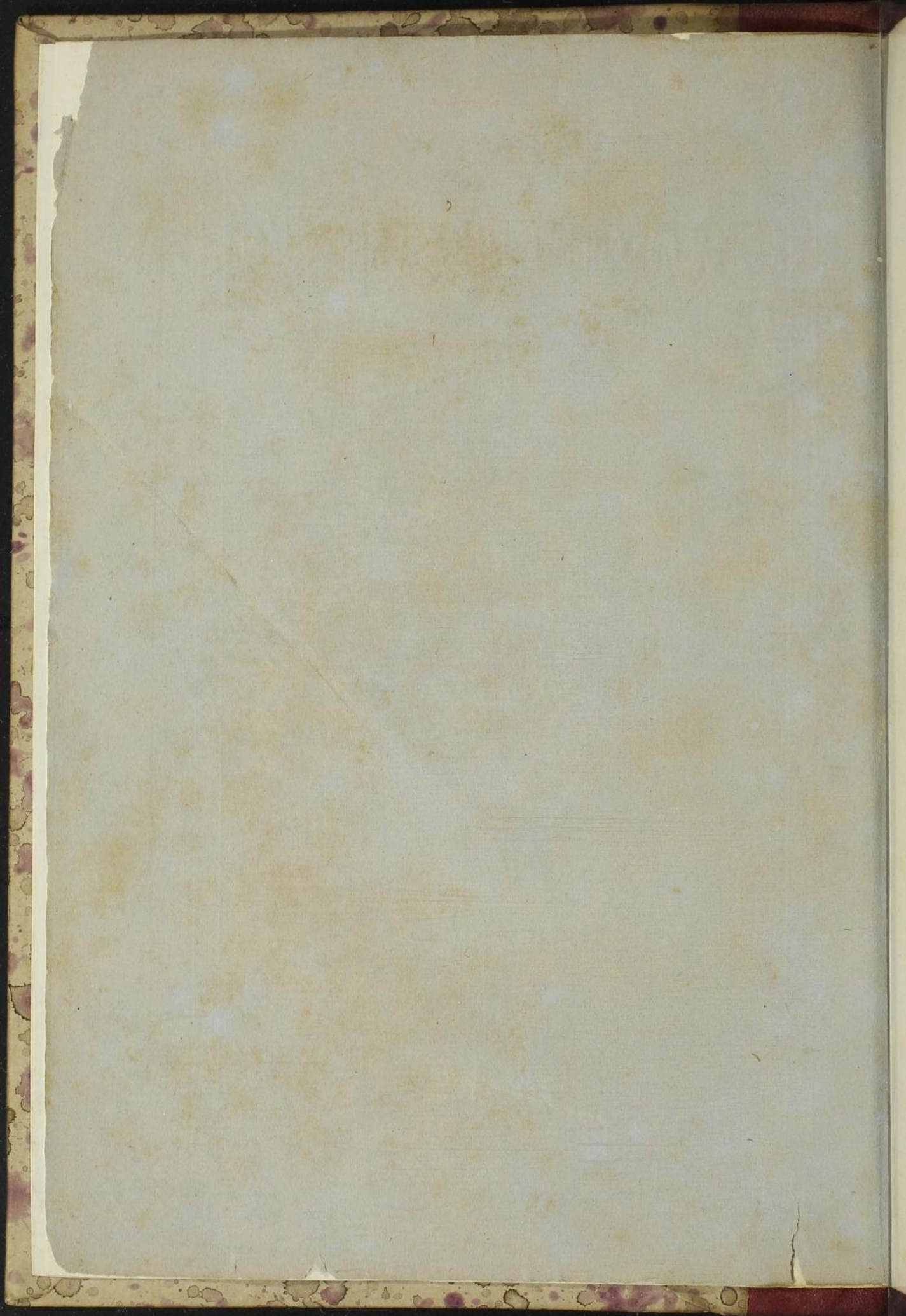
DUARTE JOSÉ DE MELLO PITADA

Bacharel em letras pelo Imperial Collegio de Pedro II,
em sciencias juridicas e sociaes pela Faculdade
de Direito do Recife,
e cavalleiro da Ordem de Christo.

RIO DE JANEIRO

TYP. DO APOSTOLO — LADEIRA DO SEMINARIO N. 6 A

1868



A
CONVERSÃO DE UM CALCETA

DRAMA EM UM PROLOGO E TRESE QUADROS

Tirado do celebre romance de Victor Hugo, intitulado

OS MISERAVEIS

POR

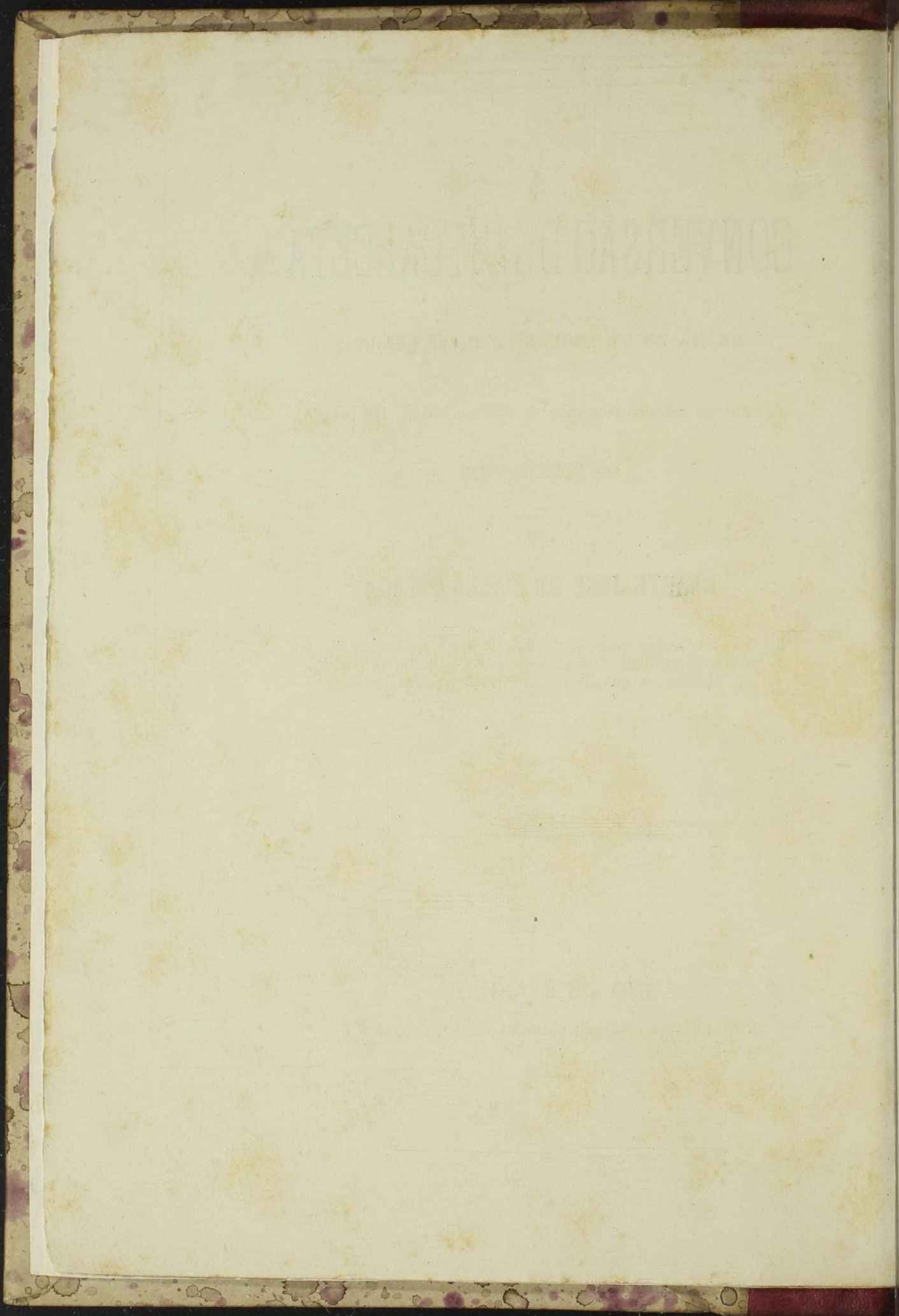
DUARTE JOSÉ DE MELLO PITADA

Bacharel em letras pelo Imperial Collegio de Pedro II, em
sciencias juridicas e sociaes pela Faculdade de Direito
do Recife, e cavalleiro da Ordem de Christo.

RIO DE JANEIRO

TYP. DO APOSTOLO — LADEIRA DO SEMINARIO N. 6 A

1868





Lith de A. V. Couto Largo de S. Fran^{co} de Paula N^o 1 A. de Pinho Lith

D^r MELLO PITADA

DEDICATORIA

Ao eximio artista L. C. Furtado Coelho.

ILLM. SR.

O talento artístico, que V. S. ha revelado em todos os papeis de que se ha encarregado nas peças levadas á scena do Gymnasio Dramatico Fluminense, animou-me a offercer-lhe este producto do meu acanhado engenho, em testemunho da minha admiração.

Se V. S. se dignar pôr em scena este meu drama, estou certo que, se merecer o applauso publico, este será antes devido ao talento de V. S. do que ao meu.

Peço-lhe pois, que se digne acceitar o meu offercimento, com o que fará especial favor a quem se preza de ser

Admirador, amigo e obrigado

DUARTE JOSÉ DE MELLO PITADA.

Rio, 30 de Outubro de 1838.



ESTUDIO DE LA ESCUELA DE LA UNIVERSIDAD DE LA PLATA

DE ZELIO PITABA

DEDICATORIA

Ao eximio artista L. C. Furtado Coelho.

ILLM. SR.

O talento artistico, que V. S. ha revelado em todos os papeis de que se ha encarregado nas peças levadas á scena do Gymnasio Dramatico Fluminense, animou-me a offerer-lhe este producto do meu acanhado engenho, em testemunho da minha admiração.

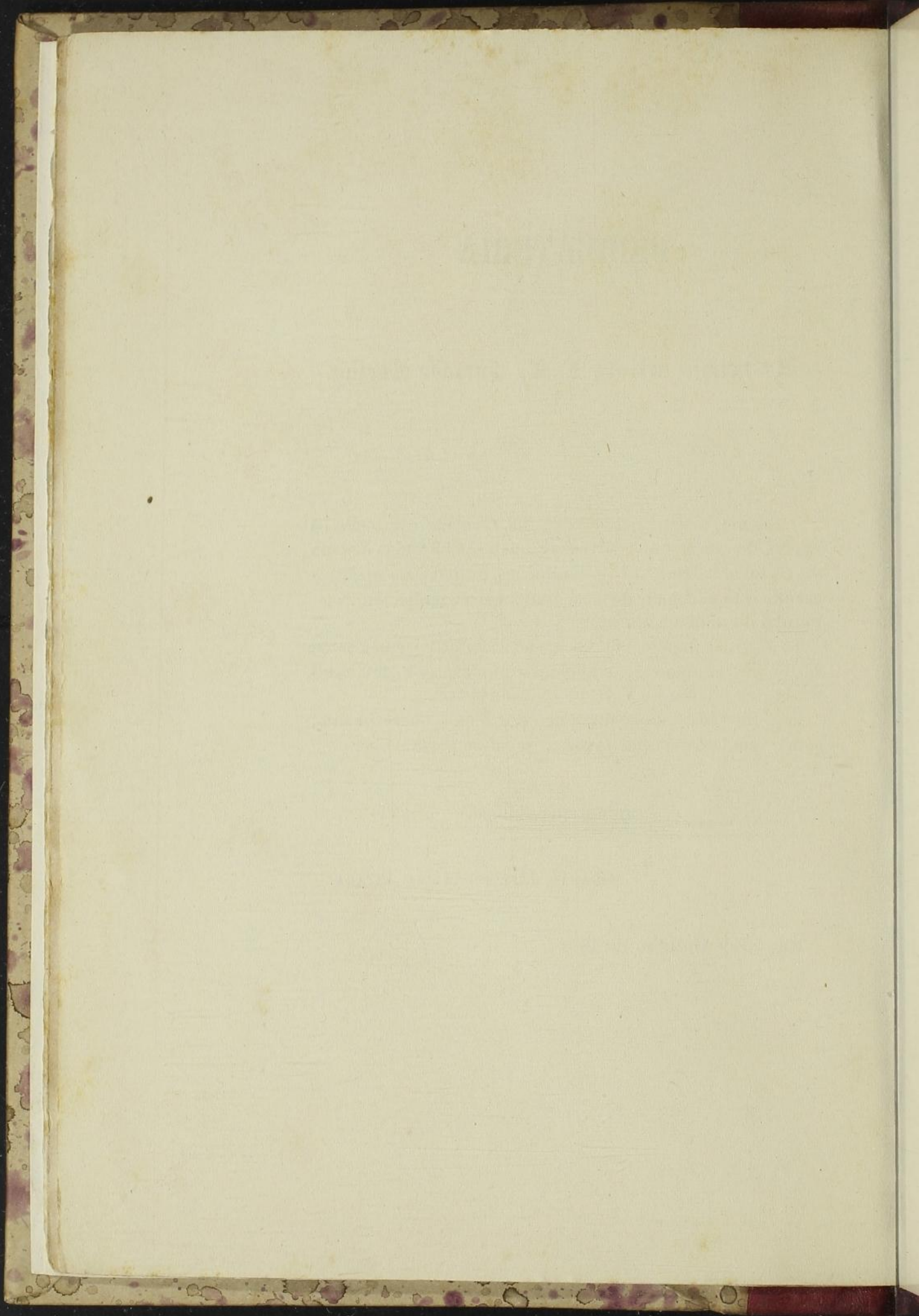
Se V. S. se dignar pôr em scena este meu drama, estou certo que, se merecer o applauso publico, este será antes devido ao talento de V. S. do que ao meu.

Peço-lhe pois, que se digne acceitar o meu offercimento, com o que fará especial favor a quem se preza de ser

Admirador, amigo e obrigado

DUARTE JOSÉ DE MELLO PITADA.

Rio, 30 de Outubro de 1868.



AO LEITOR

BENEVOLO LEITOR.

Não foi a ambição de ganhar nome na republica das letras, que me levou a dar ao prélo este drama. Nesses momentos de enfado, que tantas vezes occorrem na vida do homem, atirei-me á leitura do celebre romance *Os miseráveis*, de *Victor Hugo*.

Veio-me então a inspiração de aproveitar o enredo, dando-lhe porém uma côr religiosa conforme ás idéas christãs.

Fi-lo, não sei se bem; e desconfiando do meu proprio engenho, só me resta pedir ao leitor a sua benevolencia para comigo.

O AUCTOR.

NO. 1111

PERSONAGENS DO PROLOGO

BISPO BEMVINDO.....|BAPTISTINA.
JOÃO VALJEAN.....|MAGLORIA.

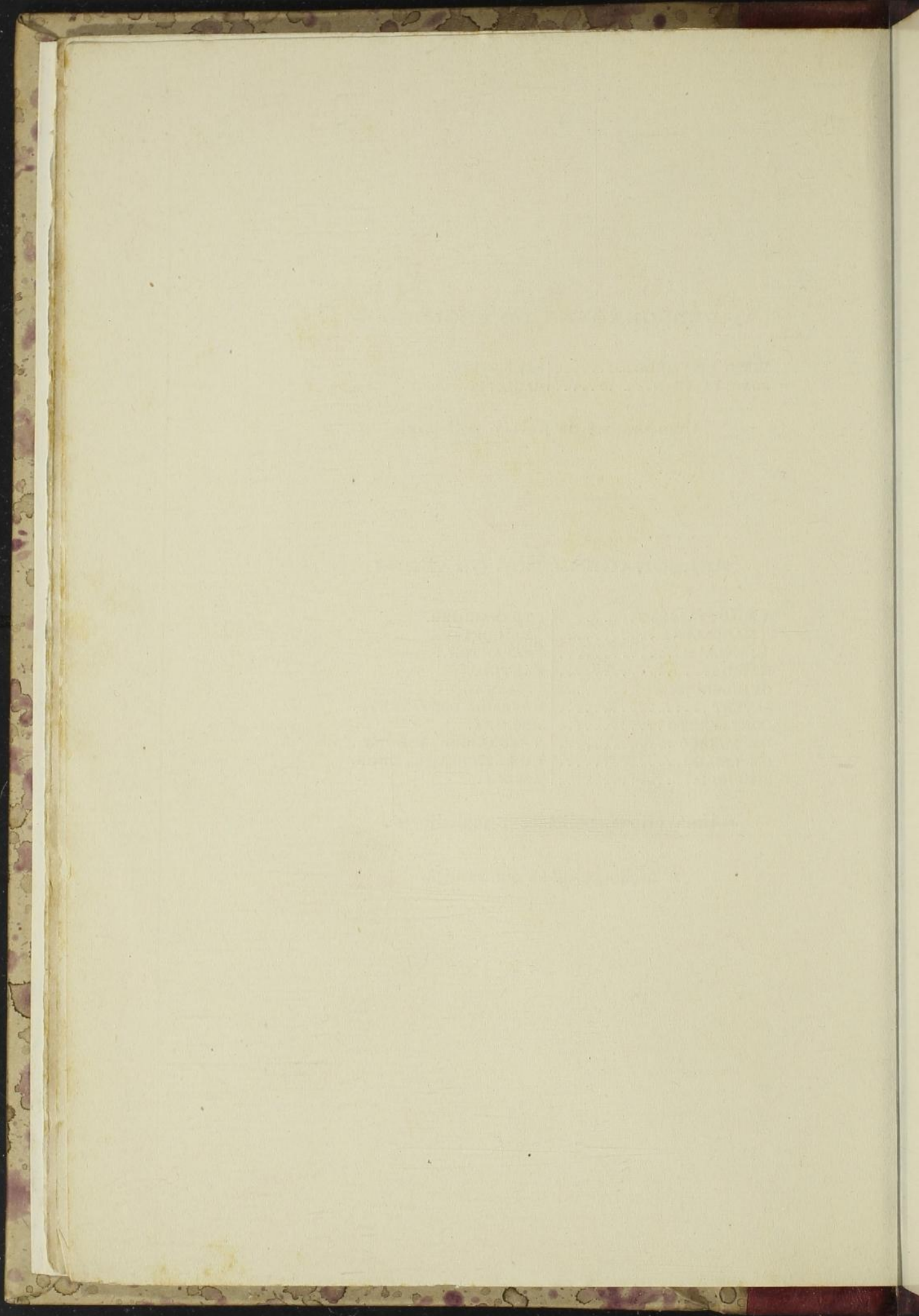
Uma mulher do povo e policiaes.

PERSONAGENS DOS QUADROS

{ JOÃO VALJEAN.....	{ THENARDIER.
{ MAGDALENA.....	{ JOUDRETTE.
{ LEBLANC.....	{ FABANTON.
MARIO	FANTINA.
GUILLENORMAND.....	COSETTA.
JAVERT	EUFRASIA CORTAVENTO.
CORTAVENTO	EPONINA.
UM MEDICO	THENARDIER, mulher.
UM CRIADO.....	GUILLENORMAND, filha.
SIMPLICIA.....	ASELMA.

Uma criada, policiaes e malfeitores.

A acção passa-se em França.



A CONVERSÃO DE UM CALCETA

PROLOGO

O FURTO

Sala modestamente mobilhada.— Portas lateraes e no fundo; á esquerda um fogão, em cima dous castiças de prata, á direita um armario de guardar louça. Proximo ao fogão uma pequena mesa com alguns pratos, no meio um candeeiro, na cabeceira uma poltrona, e nos lados cadeiras simples. E' noite.

SCENA PRIMEIRA

Baptistina e Magloria (*tratando dos preparativos para a cêa*).

MAGLORIA.

Estou, Sra. Baptistina, toda tremula pelo que ouvi dizer lá fóra. Falla-se de certo homem de má catadura, que chegou não se sabe donde. Receião-se máos encontros, para os que se recolherem tarde esta noite, pois a policia no tempo de agora deixa correr as cousas á revelia. Assim pede a prudencia, que faça cada um a policia em sua casa, trancando e aferrolhando bem as portas.

SCENA SEGUNDA

Os mesmos e o Bispo

BAPTISTINA.

Meu irmão, ouviste o que disse Magloria ?

BISPO (*sentando-se na poltrona*).

Ouvi alguma cousa. O que ha pois? Estaremos na vespera de alguma revolução ?

BAPTISTINA.

Nada sei, meu irmão: Magloria é quem estava-me contando o boato que corria na cidade (*á Magloria*). Conta o que ouviste.

MAGLORIA.

Eis o que ouvi, excellentissimo, quando ha pouco fui obrigada a sahir para comprar a cêa. Um cigano, farrroupilha, e mendigo perigoso, estava então na cidade; apresentou-se em uma estalagem, onde o não quizerão receber; tinham-no visto vir de uma das alamedas da cidade, e rondar as ruas ao escurecer. Era um homem de alforge e bastão, e mal encarado.

BISPO.

Devéras!!

MAGLORIA.

Sim, Exm. Sr.; é como digo: haverá esta noite alguma desgraça na cidade. Esta casa não tem segurança, e se V. Ex. quizer, irei chamar um serralheiro para pôr os antigos ferrolhos á porta. E' negocio de um instante. (*Ouve-se bater á porta com estrondo.*)

BISPO.

Entre.

SCENA TERCEIRA.

Os mesmos e João Valjean. (*Entra e encosta junto ao armario um bordão, põe o alforge no chão, e encara-os com olhar sinistro.*)

JOÃO VALJEAN (*ao bispo*).

Senhor: chamo-me João Valjean. Sou um ex-calceta que passou 19 annos nas galés. Ha quatro dias, que acabei de cumprir a minha sentença, e puz-me logo a caminho para Pentarlier. Quatro dias gastei de Toulon até aqui, caminhando doze leguas a pé. Esta tarde, aqui chegando, fui a uma estalagem, donde expellirão-me por causa do passaporte amarello, que eu havia apresentado á policia. Dirigi-me a outra estalagem, disserão-me: safa-te. Em summa, ninguem me quiz em sua casa, depois de haver percorrido muitas. Fui á cadêa, e até o carcereiro não me quiz acolher. Procurando pernoitar debaixo de uma arvore, a cujo tronco estava preso um cão, este mesmo ladrou-me e mordeu-me, como se conhecesse quem eu era. Resolvido estava pois a passar a noite ao relento, se o céo não estivesse annuviado e ameaçando tormenta. Por isso voltei á cidade, afim de abrigar-me ao alpendre de algum edificio. Eis que uma mulher mostrou-me esta casa, e disse-me que batesse á porta. Que casa será esta, disse comigo? Talvez uma estalagem. Pois bem; tenho dinheiro, o meu peculio são cento e nove francos, que os ganhei nas galés com o meu trabalho de 19 annos. Estou prompto a pagar a minha despeza.

BISPO (*á Magloria*).

Põe mais um talher.

JOÃO VALJEAN (*approximando-se mais*).

Ouvio bem? veja que volto das galés. (*Tirando do bolso um papel amarello e mostrando-o.*) Este é o meu passa-

porte; como vê, só serve para me enxotarem de qualquer casa para aonde vá. Quer que o leia? Sei ler, aprendi nas galés, onde ha uma escola de leitura e escriptura. Eis aqui o que puzerão nelle: (*lendo*) João Valjean, galé que concluiu o tempo de sua pena, natural de..... Isso pouco vos importa. Esteve 19 annos nas galés, cinco por furto com arrombamento, quatorze por ter procurado quatro vezes evadir-se. Este homem é perigosissimo (*guardando-o*). Eis aqui a razão por que todos me repellem. Quer receber-me o senhor? esta casa é estalagem? quer dar-me de comer e lugar onde durma, ainda que seja na estrebaria?

BISPO (*á Magloria*).

Põe lençoes limpos na cama da alcova, onde costumão dormir os hospedes. (*A João Valjean*) Sente-se e aqueça-se, emquanto não nos vêm chamar para a cêa.

JOÃO VALJEAN (*estupefacto*).

Como! o senhor não me expelle?! a um calceta! Trata-me como um cavalleiro, e não me diz, safa-te cão, como os outros?! Tão certo estava, que o senhor me não agazalharia, que lhe fui logo dizendo quem eu era. Oh! que boa mulher, que me indicou esta casa!! cêar!! uma cama com lençoes e colchão!! Ha 19 annos que não me deito em cama! Então o senhor quer que não me retire? oh! bom homem! Pois bem; ficarei, e esteja certo que serei liberal em pagar a hospedagem. Mas diga-me, quem é o senhor?

BISPO.

Sou um padre.

JOÃO VALJEAN.

Um padre! (*aparte*) Que bom padre! (*alto*) Então não ha de querer paga. E' cura? o cura desta parochia? O Sr. cura é humano, e por isso nada quererá pela minha estada aqui.

BISPO.

Nada; guarde o seu dinheiro.

JOÃO VALJEAN.

Cento e nove francos, é tudo o que possuo.

BISPO.

E em quanto tempo ganhou esta quantia?

JOÃO VALJEAN.

Em 19 annos.

BISPO (*admirado*).

Dezenove annos!!!

JOÃO VALJEAN.

Sim, senhor. Ora, já que o senhor é padre, vou dizer-lhe que tínhamos um capellão nas galés, e que um dia vi um bispo, que tratavão de grandeza, posto que fosse de estatura bem pequena. Como é isso, não o sei explicar. Disse missa no meio dos calcetas em um altar; e tinha na cabeça uma carapuça bordada de ouro, e cravejada de pedras. Estavamos enfileirados, tendo confronte a nós a artilharia prompta, e morrões accesos. Elle fallou, mas eu estava tão longe, que nada percebi.

BISPO (*a Magloria, que collocava um talher na mesa*).

Põe este talher no lugar da mesa mais proximo do fogão. (*A João Valjean*) O vento da noite é frigidissimo nestas serras, e o senhor deve estar com muito frio. (*A Magloria*) Este candeeiro dá muito pouca luz; traze os dous castiçaes de prata. (*Magloria accende as velas, e colloca os dous castiçaes na mesa.*)

JOÃO VALJEAN.

Sr. cura, o senhor é a melhor alma do mundo; não me despreza, acolhe-me em sua casa, accende para mim a sua cêra, e todavia, nada lhe occultei sobre quem sou, pois li-lhe o meu passaporte.

BISPO.

O senhor podia ter deixado de dizer-me quem era. Esta casa não é minha; é de Jesus-Christo. Esta porta não pergunta a quem entra qual é o seu nome; mas se tem alguma afflicção. O senhor soffre, tem fome, tem sêde; seja pois bem vindo. Não me agradeça, nem diga que o recebo em minha casa, porque esta casa é de todos os miseraveis. Digo-lhe pois, que está aqui mais em sua casa, do que eu na minha; e que tudo o que vê lhe pertence. Que necessidade tinha eu de saber o seu nome próprio? Já o conhecia por outro nome commum, que o faz meu parente mui proximo.

JOÃO VALJEAN (*franzindo as sobranceiras*).

E como!!

BISPO.

Sim, conhecia-o pelo nome de meu irmão.

JOÃO VALJEAN.

Que homem tão bondadoso! Sr. cura, a sua bondade é tal, que me faz agora esquecer a injustiça dos homens; digo injustiça, porque elles só fazem punir o mal, que poderião ter prevenido. Quantos seguem o caminho da perdição, porque a sociedade não lhes ha proporcionado uma educação capaz de os tornar homens honrados? Não é a véstia amarella, a braga ao pé, uma taboa para dormir, o calor, o frio, o trabalho forçado e os açoites, não é isto, repito, que pôde corrigir o homem.

BISPO (*commovido*).

Sim; esqueça-se de tudo, porque á cima da sociedade está Deos, que pedirá contas aos que a regem pelo bem que deixão de fazer. Se tudo o que se ha despendido em guerras, pela mór parte injustas, em luxo e devassidões, fôra empregado em educar o povo, a escala dos crimes não seria tão avultada, e o vicio seria mais facil de corrigir

MAGLORIA (*pondo a cêa*).

A cêa está prompta.

BISPO (*convidando-o para cêar; faz a sua oração em voz baixa*).

Sentemo-nos. (*A Magloria*) Traze os talheres de prata.

MAGLORIA (*abre uma das gavetas do armario, e tira os talheres*).

Aqui estão, senhor. (*á parte*) Que imprudencia com um homem deste jaez.

JOÃO VALJEAN (*cêando*).

Como me sabe bem esta comida!!

BISPO (*deitando-lhe o vinho no copo*).

Próve deste vinho, que para um homem cansado, como o senhor deve estar, o confortará. (*Ouve-se bater á porta; Magloria abre-a, e faz entrar uma mulher com uma criancinha ao collo; o bispo levanta-se, beija-a, e dá uma moeda de prata á mulher.*) (*A desconhecida*) Até amanhã, boa mulher. *Esta sahe, depois de beijar-lhe a mão.*) (*A João Valjean*) O senhor deve ter necessidade de repouso.

JOÃO VALJEAN.

E' verdade, senhor. Se o consente, retiro-me para o quarto, que me destinou.

BISPO.

Pois vá. (*A' Magloria*) Guie este senhor. (*A João Valjean*) Se se der mal no quarto póde vir para esta sala; tem esta poltrona para recostar-se. Amanhã antes de partir, tomará uma taça de leite quente.

JOÃO VALJEAN.

Obrigado, Sr. padre.

BISPO.

Boas noites. (*João Valjean sahe.*) (*A Magloria*). Tira a mesa, e guarda os talheres no armario; porém não o feches. Estes dous castiçaes, colloca-os em cima da chaminé. (*A' Baptistina*) Agora, minha irmã, vai descansar, que eu vou lér ainda um pouco. Boas noites, minha irmã e Magloria (*sahe*).

SCENA QUARTA

Os mesmos menos o Bispo e João Valjean.

MAGLORIA (*á Baptistina*).

Que imprudencia, Sra. Baptistina, não é a do Sr. Bispo, que recebe em sua casa um homem repellido por todos, um ex-calceta, em summa!!

BAPTISTINA.

Bem sabes, Magloria, que não podemos, nem devemos contrariar a vontade de meu irmão. Assim não deixes de cumprir as suas ordens (*vai-se*).

SCENA QUINTA

MAGLORIA (*só*).

Esta noite não poderei pregar olho, lembrando-me do calceta. (*Olhando para todos os lados*) Creio que está tudo em seu lugar. Permitta Deos, que hoje nada aconteça nesta casa. (*Sahe esquecendo-se de cerrar a porta do fundo: instantes de silencio; harmonia na orchestra.*)

SCENA SEXTA

João Valjean (*sahindo cautelosamente do quarto, tendo na mão um castiçal com uma vela accesa*).

JOÃO VALJEAN.

Todos dormem ; não ouço o mais leve rumor (*percorre a sala em todas as direcções*). Meu Deos! não posso conciliar o somno nesta morada da virtude. Acostumado a ser menoscabado e repellido de todos, minha alma se expande ao vêr a bondade deste homem singular. Mas, que idéa terrivel me assalta neste momento (*olhando para o armario*). Essa prata, que vi guardar alli (*apontando para o armario*), me está tentando... Mas que.... roubarei ao unico homem que me deu tão franca e leal hospitalidade? (*fica indeciso por instantes*). E porque não? a casa está silenciosa ; as portas abertas ; este armario tambem aberto ; a prata que alli está guardada, proporciona-me um meio de augmentar o meu pequeno peculio. Comtudo, sinto um poder estranho e sobrenatural, que tolhe a minha vontade e as minhas forças. Não é a sociedade que eu temo, pois ella só me ha dado martyrios e pezares. Porque cheguei eu a um estado tão deploravel? Por ter primeiramente quebrado um vidro, e tirado um pão! E' tarde de mais para a minha rehabilitação ; e já que ella assim o quiz, serei hoje, amanhã, e sempre o seu mais im-

placavel inimigo. Animo, João Valjean (*aproxima-se do armario e tira os talheres*). Tão de prompto não encontrarei outra occasião tão favoravel. Agora safo-me (*foge pela porta do fundo*).

SCENA SETIMA

MAGLORIA (*só: entrando assustada*).

Seria elle?! não ha que duvidar. (*Dirigindo-se á porta da alcova onde descansava o bispo.*) Excellentissimo!! Excellentissimo!! A pessoa que V. Ex. hospedou, venho de encontra-la, sahindo daqui ás carreiras. (*Examinando as gavetas do armario.*) E os talheres de prata, que desapparecêrão!!!

SCENA OITAVA

A mesma e o Bispo.

BISPO (*entrando*).

Então o que ha?

MAGLORIA.

Depois que V. Ex. se foi recolher ao seu aposento, fiz tudo o que me ordenou. Antes porém de deitar-me lembrou-me, que me havia esquecido de fechar a porta desta sala, pois só me disse de não fechar o armario. E comquanto a porta não tivesse chave, comtudo vim sempre fecha-la com a tranqueta por precaução. Imagine V. Ex. o meu sobresalto, encontrando no fim deste corredor, o mesmo homem, a quem V. Ex. tão bom agasalho prestou, a correr que parecia um louco. Isto fez-me desconfiar; e então dirigi-me para aqui a ver se tinham fundamento as minhas suspeitas. Estas convertêrão-se-me em triste realidade, porque certifiquei-me de que os talheres de prata, que estavam alli guardados, tinham sido furtados. Eu bem dizia, que....

BISPO (*interrompendo-a*).

E, a fallar a verdade, pertencia-me essa prata? Magloria, eu não fazia bem em guarda-la ha tanto tempo; porque ella pertencia aos pobres. E quem era esse homem? um pobre evidentemente.

MAGLORIA (*pezarosa*).

Senhor; não é por mim, nem por amor da Sra. sua irmã, que fallo. Nós não nos importamos com isso; mas é por amor de V. Ex.

BISPO.

Pois não ha talheres de estanho?

MAGLORIA (*encolhendo os hombros*).

O estanho tem cheiro metallico.

BISPO.

Nesse caso venhão talheres de ferro.

MAGLORIA.

O ferro dá máo gosto á comida.

BISPO.

Pois bem; venhão talheres de páo.

MAGLORIA (*arrufada e á parte*).

Vejão que lembrança!! ainda bem que só contentou-se o malvado com rouba-lo. (*Batem á porta. Magloria abre-a, e entrão tres policiaes e João Valjean.*)

SCENA NONA

Os mesmos, João Valjean e tres policiaes.

UM POLICIAL (*fazendo a continencia ao Bispo*).

Excellentissimo....

JOÃO VALJEAN (*á parte*).

Excellentissimo!! Então não é um cura.

BISPO (*a João Valjean com brandura*).

Como!! ainda o senhor por aqui?! muito folgo de o tornar a vêr; eu lhe tinha dado tambem aquelles castiças, que são de prata; porque os não levou?

UM POLICIAL.

Então o que este homem disse-nos é verdade. Nós o encontramos, ha pouco, a fugir; fizemo-lo parar, e achando-lhe esta prata, elle disse-nos...

BISPO (*interrompendo-o*).

Que lhe fôra dada por um velho padre, em cuja casa pernoitou.

UM POLICIAL.

Exactamente; e neste caso devemos deixa-lo ir em paz.

BISPO.

Certamente. (*A João Valjean*) Meu amigo, antes de retirar-se, leve os seus castiças (*dirige-se á chaminé, tira-os e dá-lh'os*). Aqui os tem. (*Aos policiaes*) Os senhores podem retirar-se (*retirão-se*). (*A João Valjean*) Meu irmão, o senhor já não pertence ao mal, mas ao bem; acabo de comprar-lhe a alma; arranquei-a das garras de Satanaz, e a dou a Deos.

FIM DO PROLOGO.

QUADRO I

A REPARAÇÃO DO DAMNO

Sala simples com uma só porta no fundo. A' direita uma mesa ordinaria, tendo em cima um tinteiro, papel e pennas; á esquerda, bancos e policiaes assentados nelles.

SCENA PRIMEIRA

Policiaes (*conversando em voz baixa*).

UM POLICIAL (*aos outros: alto*).

Temos hoje novidade. O inspector Javert sahio daqui a correr, que parecia ter formigas nas pernas. (*Dirigindo-se a porta*) Ouço passos. Ei-lo que para aqui se dirige, acompanhado de uma mulher.

SCENA SEGUNDA

Os mesmos, Fantina e Javert.

JAVERT (*senta-se na cadeira ao pé da mesa, e escreve*). (*A um policial*).

Tome tres homens, e levem esta mulher á cadêa. (*A Fantina*) Ficarás reclusa seis mezes.

FANTINA.

Seis mezes!! mas que será da minha pobre filha Cosetta!! Já devo para mais de cem francos ao Sr. Thenardier; ora, Sr. Javert, peço-lhe perdão, affianço-lhe que n'outra não cahirei.

JAVERT (*meio impaciente*).

Mas o que tenho com isto?

FANTINA.

Sr. Javert, se quizesse ouvir a historia do meu caso, estou certa de que se compadeceria de mim. Aquelle homem, que eu não conhecia, atirou-me um punhado de neve á minhas costas. Tinha direito de o fazer? não por certo. Além de que, já de ha muito que elle comigo embicava, jogando-me constantemente doestos. Não lhe respondia, dizendo comigo: Quer divertir-se á minha custa: embora. Mas com o acto que praticou, esgotou-se-me a paciencia. Digo a verdade, confessando que excedi-me; mas nem sempre nos podemos governar. Atirei-me pois a elle, arranquei-lhe o chapéo da cabeça, e pisei-o aos pés. Ora, tendo sido, como fui provocada, é injustiça clamorosa, ser eu só, porque sou uma pobre mulher, ou da canalha, como nos chamão, condemnada a seis mezes de reclusão, sem poder ganhar para minha mantença, e de uma pobre filha menor, e não ter a mais leve pena, quem me provocou. Pense pois o senhor no mal, que a mim e a ella faz.

JAVERT (*com impaciencia*).

Isto já é massada; deixa-te de apurar-me a paciencia com os teus arrazoados, e segue o policial.

FANTINA (*lacrimosa*).

Não se zangue, senhor, ainda lhe peço que se compadeça de mim e de minha filha, que está em casa de um estalajadeiro, homem tapado e interesseiro, que deixando de receber a mesada para o sustento da minha innocente filha, não terá a menor duvida de despedi-la, expondo-a assim ao

vicio, que é a consequencia inevitavel da miseria. Se ella já fosse maior, poderia ganhar o pão; mas na sua idade não póde ganha-lo. Eu não sou perversa; não foi a devassidão, nem a gula, que me arrojárão na abjecção. Sou bebada, porque para esquecer-me da miseria, em que outros me lançárão, entrei a usar de licores fortes; não que delles gostasse, nem mesmo hoje delles gosto. Ora, o que a mim succedeu, peor ainda bem póde succeder á minha filha: e não será o senhor o causador de tal desgraça?

JAVERT.

Bem; já te ouvi com toda a paciencia. (*Aos policiaes*)
Levem-na á cadêa.

SCENA TERCEIRA

Os mesmos e Magdalena.

MAGDALENA (*entrando e detendo os policiaes, que levavão á força Fantina*).

Esperem.

JAVERT.

Perdão, Sr. juiz.

FANTINA (*desvencilhando-se dos policiaes, e raivosa para Magdalena*).

Ah! és juiz? (*dá uma gargalhada*). Tenho dó dos que estão debaixo da tua jurisdicção.

MAGDALENA.

Inspector Javert, solte esta mulher.

FANTINA.

Solte esta mulher? não creio o que ouço; talvez ouvisse mal. (*A Magdalena*) Bandido, não foste tu, que me expulsaste da tua fabrica por mexericos? dahi data a minha mofina. Balda de um salario, que me fosse sufficiente para as restrictas necessidades, deixei de seguir os dictames da razão, que me encaminhavão ao bem, e atirei-me toda, corpo e alma, ao mal. Foste pois, malvado, o auctor da minha desgraça, e da de minha filha, que estaria em companhia de uma mãe honesta, e não, como está, na de estranhos mercenarios. Ah! meu Deos! e os cem francos que lhes devo! como lh'os pagarei, e o mais que se fôr vencendo por todo o tempo que me tiverem reclusa, caso o tal Thenardier não seja tão desalmado, que pouha minha pobre filhinha no olho da rua! (*Vem-lhe as lagrimas aos olhos, e procura enxugar-as com o lenço.*)

MAGDALENA (*a Fantina*).

Quanto é que estás devendo?

FANTINA (*irritada*).

Que te importa? acaso não te conheço de ha muito? pôde a compaixão entrar n'um coração, tão empedernido como o teu? Oh! nunca....

MAGDALENA (*procurando consolal-a*).

Pobre Fantina! o teu desabafo merece desculpa. Fui injusto para contigo; hoje, bem que tarde, o conheço; e por isso mesmo corre-me a rigorosa obrigação de reparar a injustiça. Logo que sahiste da minha officina, fui informado de toda a verdade, e da razão que te assistia. Só aguardava a oportunidade de reparar o damno, que te causei. Ei-la chegada. Soube como se passou o facto, por cujo motivo és mandada para a cadêa, e como juiz que sou, ordenei que que te soltassem. Perdoas-me agora?

FANTINA (*prostrando-se aos pés de Magdalena e beijando-lhe as mãos*).

Meu bemfeitor! a mim é que cumpre pedir perdão de vos haver julgado com tanta prevenção.

MAGDALENA (*erguendo-a*).

Levanta-te, Fantina. Como juiz, salvei-te da prisão; mas agora, como fabricante injusto, que fui para contigo, despedindo-te da minha officina, chamo-te novamente para ella; pago o que deves a Thenardier, e tomo a meu cargo a educação de tua filha.

JAVERT.

Sr. juiz, isto é demais.

MAGDALENA.

Porque?

JAVERT.

Esta mulher insultou a um homem de bem.

MAGDALENA.

Inspector Javert, ouça-me: o senhor é justo, e nenhuma duvida tenho de dar-lhe a explicação do meu proceder. Passava pela praça, quando o senhor trazia presa esta mulher; ainda lá havia gente, informei-me do caso, e me disserão como elle se passou. O homem é quem foi o unico culpado, e só elle é quem devia ter sido preso.

JAVERT.

Mas ella acaba de insulta-lo?

MAGDALENA.

Isso é cousa, que só a mim diz respeito. Creio que posso perdoar uma injuria, que me é pessoal.

JAVERT.

Não senhor, a sua injúria é caso da competencia da policia.

MAGDALENA.

Sr. inspector, a primeira justiça é a da consciencia; sei o que faço.

JAVERT.

E eu não sei o que ouço.

MAGDALENA.

Então contente-se com obedecer.

JAVERT.

A minha consciencia me diz, que esta mulher deve soffrer seis mezes de prisão.

MAGDALENA

Ella não soffrerá um só dia.

JAVERT.

Sinto muito desobedecer ao Sr. juiz; é a primeira vez na minha vida que o faço. V. S. ha de permittir, que observe-lhe que estou dentro dos limites de minhas attribuições. Insisto na affronta, que soffreu o homem. Eu estava no lugar, e vi que foi esta mulher, quem se lhe arremeçou, e arrancou-lhe o chapéo da cabeça, e o pisou aos pés. Foi um facto, que presenciei e merece castigo. E' este um delicto da competencia da policia das ruas, e por isso mantenho a prisão desta mulher.

MAGDALENA (*com gravidade*).

O delicto, de que se trata, é da competencia municipal. Ordeno pois, que esta mulher seja posta em liberdade.

JAVERT.

Mas....

MAGDALENA (*interrompendo-o*).

Tenho dito; e lembro-lhe o artigo do código, sobre a prisão arbitrária.

JAVERT.

Sr. juiz, permita....

MAGDALENA (*interrompendo-o*).

Nem mais uma palavra; retire-se.

FANTINA (*a Magdalena*).

Senhor, como lhe hei de agradecer tamanho beneficio! quanto me peza, senhor, de vos ter insultado em presença de seus subalternos! Se não fôra a sua bondade, que seria de mim e de minha filha? Ah! permita, senhor, que abrace-lhe os joelhos e beije-lhe as mãos, em signal do meu mais profundo reconhecimento. (*Ajoelha-se e beija-lhe fervorosamente as mãos.*)

MAGDALENA (*commovido e levantando-a*).

Levanta-te, ouve-me. Sei tudo o que occasionou a tua sahida da minha officina; e bem informado, como estou, da verdade, offereço-te um emprego na mesma, com um salario superior ao que então ganhavas; pago o que deves a Thenardier, e as despesas da educação de tua filha correrão, como já te disse, por minha conta.

FANTINA (*agradecida*).

Senhor; que o céu vos recompense. Aceito o beneficio do meu novo emprego, logo que a minha saude se restabeleça.

MAGDALENA (*aos policiaes*).

Conduzão esta infeliz mulher á minha casa.

FIM DO QUADRO PRIMEIRO.

QUADRO II

A DENUNCIA

Sala modesta; á esquerda um leito onde jaz Fantina deitada. A' direita uma mesa pequena com o necessario para escrever, e junto uma velha poltrona; ao levantar-se o panno vê-se o Sr. Magdalena examinando cuidadosamente Fantina.

SCENA PRIMEIRA

Magdalena e Fantina.

MAGDALENA.

Como soffre esta pobre mulher!..

FANTINA *(abrindo os olhos, e sentando-se na cama; leva a mão á testa, como quem procura recordar-se de alguma cousa).*

Onde estou? que casa é esta?! *(avistando Magdalena)*
O senhor aqui? sim! agora me recordo, que foi o senhor que me salvou da prisão.

MAGDALENA *(segurando-lhe nas mãos).*

Como está?

FANTINA.

Dormi bem; parece-me que vou melhor.

MAGDALENA *(á parte).*

Pobre mãe...

FANTINA.

Senhor, enquanto vivi desgraçadamente, nunca desejei ter minha filha junto a mim. Agora porém, que me sinto com a disposição de seguir outro processo de vida, desejo ardentemente vê-la para nunca mais separar-me della. Mas diga-me, senhor, quando vê-la-hei?

MAGDALENA.

Talvez amanhã.

FANTINA.

Oh! como serei feliz!! (*Batem a porta; entra o medico*).

SCENA SEGUNDA

Os mesmos e o medico.

MAGDALENA (*ao medico*).

Bons dias, doutor.

MEDICO.

Bons dias, Sr. Magdalena, como passou a nossa doente?

MAGDALENA.

Menos mal.

MEDICO.

Permitta-me que a examine (*dirigindo-se para o leito onde está Fantina*).

MAGDALENA (*ao medico, depois que elle terminou o exame de Fantina, baixo*).

Então doutor, como acha a doente?

MEDICO (*tambem em voz baixa*).

Está muito mal; não me disse o senhor ter ella uma filha, a quem muito desejava vêr?

Sim, senhor.

MAGDALENA.

MEDICO.

Pois bem, mande busca-la quanto antes, para que ella tenha o gosto de vê-la antes de morrer. (*Vai-se.*)

SCENA TERCEIRA

Os mesmos, menos o medico.

FANTINA.

O que disse o doutor?

MAGDALENA (*disfarçando*).

Disse-me que mandasse buscar sua filha, e que com a sua chegada a doença, que a amofina, declinaria muito.

FANTINA.

Oh! elle diz a verdade. Vai-me enfim ser restituída a minha filha, e começar a minha felicidade.

MAGDALENA.

Descanse; sua filha ha de chegar. Hontem escrevi ao Sr. Thenardier, e mandei-lhe o dinheiro, que me disse estar lhe devendo, e mais o necessario para a viagem da menina. Socegue pois o seu espirito. Se houver algum contratempo, que não é de esperar, eu mesmo irei busca-la. (*Deita-a e fecha os cortinados, senta-se na cadeira junto a mesa e escreve.*)

SCENA QUARTA

Os mesmos e Javert.

JAVERT (*entrando e cumprimentando a Magdalena*).
Sr. juiz.

MAGDALENA (*deixando de escrever*).

Então o que temos, Sr. Javert.

JAVERT.

Commetti um acto infame.

MAGDALENA.

Que acto?

JAVERT.

Por despeito, denunciei de um magistrado, e a minha denuncia foi falsa. Venho pois, como me cumpre, trazer o facto ao conhecimento de V. S., para castigar o delinquente.

MAGDALENA.

E quem é o magistrado denunciado?

JAVERT.

E' V. S. Vou contar-lhe o caso. Em consequencia da contestação, que tivemos por causa desta mulher, fiquei furioso, e fui denuncia-lo.

MAGDALENA (*admirado*).

Denunciar-me!

JAVERT.

Sim senhor, como calceta (*Magdalena torna-se livido por instantes*). Tal era a minha persuasão. Havia já muito

tempo, que nutria desconfianças a seu respeito; a sua pare-
cência, as informações que V. S. mandou tirar em Faverolles,
a sua força, a aventura do velho Cortavento, a sua perna
um tanto encolhida; tudo isso me fazia crer, que V. S. era
o muito afamado João Valjean. Este era um calceta, que ha
20 annos vi, quando era guarda das galés de Toulon. Pouco
depois que sahio da prisão, esse João Valjean assassinou
na estrada a um pobre saboyano, para roubar-lhe o pouco
dinheiro que trazia. Desappareceu ha 8 annos. A policia
procurava-o, e como eu tinha minhas desconfianças, fui
denuncia-lo como sendo o verdadeiro João Valjean.

MAGDALENA.

E o que lhe respondêrão?

JAVERT.

Que eu estava enganado, e de facto estava.

MAGDALENA.

Estimo que o reconheça....

JAVERT (*interrompendo-o*).

Por quanto, o verdadeiro João Valjean foi descoberto.

MAGDALENA (*admirado*).

Descoberto!!

JAVERT.

Sim, senhor. Havia nesta comarca um velho chamado
Champ-Matieu, creatura desprezivel, o qual foi preso por
ter feito um furto. Mas veja o que é a justiça de Deos!
Recolhido esse sujeito á cadêa, um ex-calceta chamado

Brevet, que pelo seu bom comportamento foi nomeado juiz da cadeia, apenas lhe poz o luzio exclamou: Es tu, João Valjean! como vieste aqui parar, maganão! Responde-lhe o tal sugeito: Que João Valjean! Estás galhofando sem duvida. Diz-lhe o outro: « Para que o negas? Não estiveste nas galés de Toulon, fazem já 20 annos? E não eramos companheiros? Emfim, bem esmerilhado o caso, descobrese que o tal Champ-Matieu é o verdadeiro João Valjean. E como foi justamente nesta occasião, que eu remetti a minha denuncia, e era já sabida a verdade, responderão-me que eu estava enganado, porque João Valjean achava-se na cadeia de Arras, entregue ao braço da justiça....

MAGDALENA (*interrompendo-o*).

E então?

JAVERT.

Reconheci o meu erro, e ao mesmo tempo a minha maldade.

MAGDALENA.

Estás bem certo disso?

JAVERT.

Oh! certissimo....

MAGDALENA.

E o que diz Champ-Matieu? Não se defende?

JAVERT.

Instaurou-se o processo, e o julgamento será amanhã.

MAGDALENA.

Está bem, póde sahir.

JAVERT.

Sr. juiz....

MAGDALENA.

Que temos mais?

JAVERT.

Devo lembrar a V. S....

MAGDALENA,

O que?

JAVERT.

A minha demissão.

MAGDALENA.

Não estou resolvido a dar-lh'a.

JAVERT.

Mas como!

MAGDALENA.

Já lhe disse.

JAVERT.

Senhor, tenho muitas vezes na minha vida sido severo para com os outros; justo é que agora o seja para comigo, instando pela minha demissão.

MAGDALENA

Pois bem, veremos.

JAVERT.

Fique certo que não continuarei mais no serviço. (*Vai-se.*)

SCENA QUINTA

Magdalena e Fantina.

MAGDALENA (*aproxima-se á cama onde jaz Fantina adormecida; e depois dando alguns passos, como meditando alguma cousa*).

No que acaba de referir Javert, vejo o prognostico do castigo da justiça de Deos, prestes a desfechar-se sobre a minha cabeça! Mas que! Não tenho eu trocado uma vida cheia de crimes, por outra de arrependimento e boas obras? Demais esse Javert, que tanto me inquietava; esse homem, cujo olhar perscrutador acompanhava todas as minhas acções; ei-lo finalmente convencido de que não sou João Valjean (*passa*). Mas que tenho eu? Em que véo de tristeza se envolve o meu espirito? Como consentirei, que outrem soffra a desgraça, que por justiça divina e humana a mim só pertence! (*medita*). No meio de tudo isto descortino a provação, por que Deos me quer fazer passar. Vejo surgir no horizonte uma luz estranha que me deslumbra e abate. Não devo, nem mesmo posso mais hesitar. As santas palavras, que o bom Bispo me disse, quando sahia de sua casa pasmado e envergonhado, estão ainda retinindo em meus ouvidos: «João Valjean, meu irmão, já não pertenceis ao mal, mas ao bem; acabo de comprar-vos a alma; arranquei-a das garras de Satanaz e a dou a Deos.» Sim, vou pois salvar o infeliz Champ-Matieu.

FIM DO QUADRO SEGUNDO.

QUADRO III

A PRISÃO

O mesmo scenario do quadro segundo.

SCENA PRIMEIRA

Simplicia e Fantina (*assentada no leito e mergulhada em doloroso scismar*).

FANTINA (*a parte*).

Ha dous dias que não vejo o meu bemfeitor. (*Alto a Simplicia*) Onde estará elle ?

SIMPLICIA.

Foi fazer uma viagem, e hoje mesmo deve chegar. Partio ante-hontem, apesar do grande frio, não sei para onde.

FANTINA.

Queira Deos que lhe não succedesse algum sinistro.

SIMPLICIA.

Minha irmã, socegue; não se amofine; o Sr. Magdalena em breve chegará.

FANTINA.

Sim, foi cumprir a promessa que me fez: foi buscar Cosetta. Sim, foi busca-la, pois agora lembra-me que elle me fez assignar uma carta para o Sr. Thenardier, em que lhe dizia entregasse minha filha ao portador. Thenardier não terá duvida em entregar-lh'a. Minha irmã, ha quasi

5 annos que não a vejo. Era tão bonitinha! já entrou nos seus 7 annos, talvez tenha mudado; chamo-a Cosetta, mas o seu nome proprio é Euphrasia de.... (*A parte*) Não o direi. (*Alto*) Como estou soffrega de vê-la. Parece-me que as horas passão-se mui vagarosamente. Esperava-a...

SIMPLICIA (*atalhando-a*).

Socegue, que breve a verá.

FANTINA.

Que felicidade não será a minha, se chego a vê-la? creio que logo ficarei boa.

SCENA SEGUNDA

As mesmas e o medico.

FANTINA (*ao medico*).

Sr. doutor, já vou melhor; ha de permittir que minha filha, quando vier, durma aqui ao meu lado. Quero quando pela manhã ella acordar, dar-lhe os bons dias, e de noite velarei em que o seu somno não seja interrompido.

MEDICO (*examinando-lhe o pulso*).

Muito bem. Descanse que se restabelecerá em breve. (*Deita-a e fecha os cortinados: a Simplicia*) Acho-a um pouco melhor. Se por felicidade chegasse hoje a menina, quem sabe! Ha cousas pasmosas; já se virão grandes alegrias dissipar graves enfermidades. Bem vejo que esta molestia é organica, e que está muito adiantada; mas a natureza tem seus segredos. Adeos; até amanhã. (*Sahe.*)

SCENA TERCEIRA

Fantina, Simplicia e Magdalena.

MAGDALENA (*entra com ar triste e medroso: a Simplicia*).

Houve alguma cousa?

SIMPLICIA.

O que tem o senhor?

MAGDALENA.

Como passou ella?

SIMPLICIA.

Assim, assim: hontem muito nos assustou: mas a esperança de ver a filha dá-lhe vida.

MAGDALENA.

Muito bem.

SIMPLICIA.

Mas com a chegada do senhor sem a filha, temo que succumba.

MAGDALENA.

Deos fará o melhor.

SIMPLICIA.

Mas o que lhe succedeu?

MAGDALENA.

Nada!

SIMPLICIA.

E porque não veio a filha de Fantina?

MAGDALENA.

Só pôde estar aqui em dous ou tres dias. Para isso já dei os passos necesarios. Talvez não esteja dormindo: vou vê-la. (*Approxima-se do leito onde jaz Fantina: abre os cortinados, e contempla-a enternecido.*) Pobre mãe!! Permitta Deos, que eu tenha tempo de cumprir a minha promessa. (*Fantina acorda.*)

FANTINA (*reconhecendo-o*).

Onde está Cosetta? Dê-me a mão para levantar-me. Não sabia que estava aqui; mas sonhava com o senhor, e parecia-me ver aquelle maldito Javert, levando-o no meio de uma escolta. Porém, onde está Cosetta? por que não a poz aqui em cima da cama, para que eu a visse, logo que acordasse?

MAGDALENA.

Ella está lá fóra. (*A' parte, a Simplicia*) Esta mentira innocente pôde ser-lhe util.

FANTINA (*com emoção*).

Oh! por favor traga-m'a.

MAGDALENA.

Ainda não é tempo: deixe passar a febre.

FANTINA (*irritada*).

Estou boa! quero ver Cosetta...

MAGDALENA (*interrompendo-a*).

Emquanto estiver com febre, disse o doutor, que não consente que lh'a tragão, pois no estado em que se acha, fôra um passo arriscado para a sua vida.

FANTINA (*tossindo*).

Como receia que o abalo me faça mal, esperarei; mas juro-lhe que me faria muito bem ver minha filha, pois ella não me sahe da mente. Comtudo não me agasto; basta saber que ella aqui se acha. Diga-me porém, Sr. Magdalena: como lhe foi de viagem? como achou a pequena? Estou que não me ha de conhecer mais. Trazia-na limpinha? Quanto soffria eu quando nella pensava no tempo de minha miseria! mas agora que a tenho junto a mim, passarei os dias em paz e na maior alegria....

MAGDALENA.

Cosetta é bonitinha, e goza boa saude; muito breve a verá: porém não falle tanto, que isso faz-lhe mal.

FANTINA.

Montfermeil não é um lugar bem bonito? Como correm os negocios do Sr. Thenardier?

SCENA QUARTA

Os mesmos e Javert (*encarando Magdalena*).

FANTINA (*com terror*).

Que vejo meu Deos? será illusão dos meus olhos?

MAGDALENA (*com serenidade*).

Não é por seu respeito, que este homem aqui vem. (*A Javert*) Já sei o que quer.

JAVERT.

Vamos.

MAGDALENA.

Sr. Javert, estou ás suas ordens, porém....

JAVERT (*interrompendo-o*).

Nada de prolongas.

MAGDALENA.

Desejava dar-lhe uma palavra em particular.

JAVERT (*com máo modo*).

Falle alto, porque não tenho segredos com o senhor.

MAGDALENA.

Sr. Javert, uma palavra ao ouvido.

JAVERT.

Já lhe disse que falle alto; e em poucas palavras diga o que quer.

MAGDALENA.

Pois bem. Conceda-me tres dias para que possa ir buscar a filha desta infeliz mulher; querendo póde acompanhar-me.

JAVERT (*rindo-se*).

Pois não! pedes-me tres dias para te pores ao fresco? Esta é engraçada.

FANTINA (*querendo sair fóra do leito*).

Como! ir buscar minha filha! Então ella não está aqui?
(*A Simplicia*) Minha irmã, onde está Cosetta?

JAVERT (*impaciente*).

Temos outra: cala-te, mulher. Que diabo de terra é esta, onde um calceta é juiz, e uma bebada tratada como fidalga! Tudo isto vai ter fim. (*A Fantina bruscamente mostrando-lhe o Sr. Magdalena*) Saberás que este homem é um assassino, um forçado, chamado João Valjean, e que tenho ordem de o levar preso. (*Fantina fica sem sentidos; dá um gemido e expira*).

MAGDALENA (*rancoroso á Javert*).

Mataste, carrasco, esta infeliz mulher.

SIMPLICIA (*segurando as mãos de Fantina*).

Já deu a alma a Deos.

JAVERT (*exasperado*).

Então quando terminas esta comedia? Os soldados estão á nossa espera? vamos, e quanto antes.

MAGDALENA.

Aconselho-te que não me exasperes. (*Dirige-se ao leito onde jaz Fantina, beija-lhe as mãos, e cerra-lhe os olhos*.)
Descança em paz, infeliz mãe; eu cuidarei em tua filha.
(*A Javert*) Estou agora prompto para seguir-te. (*Vão-se*.)

FIM DO QUADRO TERCEIRO.

QUADRO IV

O DESEMPENHO DA PALAVRA

Estalagem ordinaria: á esquerda uma mesa, onde estão sentados quatro hospedes mal trajados, que acabão de ceiar; á direita uma velha carteira de escriptorio. Ao levantar-se o panno vê-se Thenardier sentado em uma velha cadeira, junto da carteira a escrever. E' noite.

SCENA PRIMEIRA

Thenardier, sua mulher e os hospedes, e depois Cosetta.

UM HOSPEDE (*para os outros*).

Que máo vinho é o desta bodega. (*A' mulher de Thenardier*) Derão agua ao meu cavallo?

A MULHER DE THENARDIER.

Sim, senhor.

HOSPEDE.

Como póde ser isto! quando aqui cheguei fui a jarra, e não achei agua, e desde que aqui estou não vi ninguem ir busca-la?

A MULHER DE THENARDIER (*a Cosetta que entrava*).

Pois não déste de beber aos cavallos?

COSETTA (*atemorisada*).

Sim, senhora, bebêrão....

HOSPEDE.

Este carapetão é difficil de engulir. (*A Cosetta*) Repito que não bebêrão, pois elles tem um modo de resfolegar, quando tem sêde, e que eu bem conheço.

COSETTA.

'Bebêrão, e até bastante.

HOSPEDE (*zangado*).

Acabemos com isto. (*A mulher de Thenardier*) Mande dar de beber aos cavallos, e basta de massada.

A MULHER DE THENARDIER.

O senhor tem razão. (*A Cosetta*) Não ouviste ?

COSETTA.

Mas senhora, não ha agua em casa.

A MULHER DE THENARDIER.

Pois vá busca-la (*dando-lhe uma moeda de 15 soldos*). E de caminho, compre um pão na padaria. (*Cosetta sahe com um pequeno balde*).

A MULHER DE THENARDIER (*aos hospedes*).

Estão promptos os quartos para os senhores.

OS HOSPEDES (*levantando-se*).

Vamos, meus amigos, pois estamos mortos de cansaço. (*Vão-se*).

SCENA SEGUNDA

JOÃO VALJEAN só (*entrando pela porta do fundo*).

Aqui devo encontrar a filha da infeliz Fantina (*examinando a estalagem*). Que pobreza!! Julgo que vencerei com dinheiro todos os obstaculos, se os houver; mas duvido que os haja. (*Cosetta entra pela porta do fundo, com o balde d'agua*).

SCENA TERCEIRA

O mesmo e Cosetta.

JOÃO VALJEAN (*a parte*).

Será ella? (*Alto*) Minha menina, este peso é demasiado para ti. Permite que eu o ponha em terra.

COSETTA.

Muito obrigado, senhor.

JOÃO VALJEAN (*depois de ter posto o balde no chão*).

Que idade tens?

COSETTA.

Oito annos, senhor.

JOÃO VALJEAN (*a parte*).

Oito annos! (*Alto*) E donde vens com este peso?

COSETTA.

Da fonte.

Tens mãe?

JOÃO VALJEAN.

COSETTA.

Não sei... creio que não... porque nunca a conheci.

JOÃO VALJEAN.

Como te chamas?

COSETTA.

Cosetta.

JOÃO VALJEAN (*a parte*).

E' ella; não ha que duvidar. (*Alto*) Quem foi que te mandou buscar agua a esta hora?

COSETTA.

Foi a Sra. Thenardier.

JOÃO VALJEAN.

Em que é que te occupão nesta casa?

COSETTA.

Em fazer todo o serviço della.

JOÃO VALJEAN.

Então não ha outra criada aqui?

COSETTA.

Não, senhor.

JOÃO VALJEAN.

Não ha aqui meninas da tua idade?

COSETTA.

Sim, senhor! ha duas.

JOÃO VALJEAN.

Que meninas são estas?

COSETTA.

E' Eponina e Aselma, filhas do Sr. Thenardier.

JOÃO VALJEAN.

E o que fazem ellas?

COSETTA.

Brincão todo o dia com bonecas, que as tem bem bonitas.

JOÃO VALJEAN.

Todo o dia?

COSETTA.

Sim, todo o dia.

JOÃO VALJEAN.

E tu?

COSETTA.

Eu, ah! eu trabalho, e ás vezes quando acabo de trabalhar, e me dão licença para brincar com Eponina e Aselma, estas me ralhão e me batem, quando toco em suas bonecas.

SCENA QUARTA.

Os mesmos, Thenardier e sua mulher, (*aquelle senta-se e escreve*).

A MULHER DE THENARDIER (*a Cosetta*).

Ah! és tu minha lesma! ora graças a Deos, que te lembraste de voltar para a casa; estiveste vadiando?

COSETTA (*mostrando João Valjean*).

Aqui está, senhora, um viandante que quer pousada.

A MULHER DE THENARDIER (*examinando-o*).

E' o senhor?

JOÃO VALJEAN.

Sim, minha senhora.

A MULHER DE THENARDIER.

Sinto muito dizer-lhe, que aqui já não ha mais lugar vago.

JOÃO VALJEAN.

Pois bem; dê-me um agazalho, onde quer que seja: no celleiro, e até na estrebaria: pagarei como se estivesse bem accommodado.

A MULHER DE THENARDIER.

Pagará quarenta soldos.

JOÃO VALJEAN.

Vá que seja: mande-me vir uma garrafa de vinho. (*A mulher de Thernadier sahe, e instantes depois apparece com uma garrafa e um copo, e põe tudo na mesa onde tinham estado os hospedes: á Cosetta*) E' verdade, e o pão?

COSETTA (*afflicta*).

Não o trouxe, porque a padaria estava fechada.

A MULHER DE THENARDIER.

E porque não bateste?

COSETTA.

Bati, e não me abrirão a porta.

A MULHER DE THENARDIER.

Amanhã saberei a verdade; e se mentiste, has de dançar devéras. Dá cá os 15 soldos.

COSETTA (*procurando-os*).

Não os acho!

A MULHER DE THENARDIER (*colerica*).

Perdeste-os? ou dar-se-ha que os roubasses? (*tirando a palmatoria de junto de um portal.*) Chega aos bolos.

JOÃO VALJEAN.

Com licença, senhora: ha pouco vi cahir, o quer que fosse, do bolso do avental desta menina foi uma cousa que

tinio ; talvez fosse a moeda (*tirando uma moeda do bolso e fingindo que procura outra no chão*). Exactamente, ei-la aqui.

A MULHER DE THENARDIER.

Sim, é esta mesma. (*A' Cosetta*) Agora vai trabalhar, mandriona.

JOÃO VALJEAN.

E o que vai ella fazer ?

A MULHER DE THENARDIER.

Um par de meias para as minhas filhas.

JOÃO VALJEAN.

E quanto vale este par de meias, depois de prompto ?

A MULHER DE THENARDIER.

Pelo menos tres francos.

JOÃO VALJEAN.

Quer a senhora vender-me por cinco francos o trabalho desta menina ?

A MULHER DE THENARDIER.

De boa vontade, comtanto que pague á vista.

JOÃO VALJEAN (*tirando da algibeira uma moeda : á mulher de Thenardier*).

Eis aqui um escudo de cinco francos. (*a Cosetta*) Agora que comprei o teu trabalho, podes ir brincar.

A MULHER DE THENARDIER (*examinando a moeda*).

E' verdade. E' um escudo de cinco francos.

COSETTA (*á mulher do Thenardier*).

Então, senhora, posso ir folgar?

A MULHER DE THENARDIER.

Sim, e agradece-o a este senhor. (*Cosetta sahe correndo*).

JOÃO VALJEAN.

De quem é esta menina?

A MULHER DE THENARDIER.

E' de uma chamada Fantina, que aqui no-la deixou, mediante uma pequena mesada, que nem chega para man-tença della. Ha seis mezes, que escrevemos a sua mãe para nos pagar o que está devendo, e ainda não tivemos res-posta. Talvez esteja ella morta. Se bem que a tal mãe não era lá muito boa peça.

JOÃO VALJEAN.

Os seus negocios correm bem aqui?

A MULHER DE THENARDIER.

Assim... assim.... E' hoje bem difficil ganhar a vida. Tudo é gente de pouco mais ou menos. O que nos vale é que apparecem de vez em quando viajantes tão generosos, como o senhor. As nossas despezas são enormes. Pagamos uma infinidade de cousas: a licença; os impostos; e como o senhor deve saber, o governo nos esfolta sem piedade.

JOÃO VALJEAN.

E se alguém quizesse tomar essa menina, consentiria nisso a senhora?

A MULHER DE THENARDIER.

Quem? Cosetta?

JOÃO VALJEAN.

Sim ella mesma....

A MULHER DE THENARDIER (*rindo-se*).

Ah! meu bom senhor, tome-a e bom proveito lhe faça.

JOÃO VALJEAN.

Está dito.

A MULHER DE THENARDIER

Está dito.

JOÃO VALJEAN.

Não me demoro mais aqui; mas pagarei, como se tivesse pernoitado. Chame a menina.

A MULHER DE THENARDIER (*dirige-se á porta do fundo*).

Cosetta!! Cosetta!!!

JOÃO VALJEAN.

Agora, quero pagar a despeza que fiz: quanto devo?

THENARDIER (*apresentando-lhe a conta*).

Vinte e tres francos.

JOÃO VALJEAN (*admirado*).

Vinte e tres francos!!

THENARDIER.

Sim, senhor: são vinte e tres francos. Quanto porém á ida da pequena Cosetta, vou, meu bom senhor, fallar-lhe com o coração nas mãos. Tenho amizade a essa menina, e custa separar-me della. E' uma verdade, que lhe sou afeiçãoado, e por dinheiro não devo vender a minha afeição. E' certo, que ella tem defeitos; mas, proprios da infancia. (*A parte a mulher*) Vejamos se lhe podemos saccar por esta menina uma boa somma. (*Alto*) Conheço tambem que minha mulher lhe tem amizade, posto que as vezes não lhe perdoe leves faltas. E' verdade, que o senhor, apezar dos seus trajos, parece-me um homem rico e probó, e que a póde felicitar melhor do que nós. Mas que quer, meu bom senhor, não é a primeira vez que o coração vence a razão. Amo Cosetta, e della não me separarei.

JOÃO VALJEAN.

Se lhe tem afeição não lhe deve obstar a sua felicidade. Levo-a comigo para Pariz; e sob minha palavra de honra, dar-lhe-hei a melhor educação possível. E para que a estrêa da felicidade de Cosetta, o seja tambem para aquelles que a creárão, offereço-lhe 1,500 francos, em nome de Cosetta, em reconhecimento dos beneficios, que do senhor e da sua mulher recebêra. Aqui tem, senhor, uma reciprocidade de beneficios, donde não resulta nenhum desar, que lhe deva causar escrupulos. O senhor é pobre; aceite pois a minha offerta, que o porá em melhores circumstancias, e mais habilitado a socorrer outra desvalida. Porque o que não falta neste mundo são pobres.

THENARDIER.

Pois bem, aceito os 1,500 francos como um beneficio de Cosetta.

JOÃO VALJEAN (*tira do bolso uma carteira, dando-lhe a somma ajustada*).

Aqui estão os 1,500 francos. Venha a menina (*Thenardier manda sua mulher chamar Cosetta: esta sahe, e apparece instantes depois com Cosetta*).

SCENA QUINTA

Os mesmos e Cosetta.

JOÃO VALJEAN (*dando um pequeno pacote a Cosetta*).

Minha filha, aqui encontrarás o necessario para te abrigares do frio: vai vestir-te e volta depressa.

A MULHER DE THENARDIER (*á parte: ao marido*).

Como! só 1,500 francos! pensa bem; este homem é rico, e enquanto me demoro em vestir Cosetta, vê se lhe pilhas mais alguma cousa. (*Vai-se com Cosetta*).

SCENA SEXTA

Os mesmos, menos a mulher de Thenardier e Cosetta.

THENARDIER (*á parte*).

Minha mulher tem juizo: sou um bestarrão. (*Alto*) Tenho pensado melhor, senhor (*entregando-lhe a somma de dinheiro que recebera*). Não quero os seus 1,500 francos.

JOÃO VALJEAN (*admirado*).

Que quer isto dizer?!

THENARDIER.

Quer dizer, que eu não tenho animo de separar-me de Cosetta.

JOÃO VALJEAN.

Mas, porque?

THENARDIER (*com hypocrisia*).

Eu lhe digo: pensei no caso: eu não posso dar-lh'a. Sou um homem honrado: esta menina não é minha; foi sua propria mãe, que m'a confiou; não posso entrega-la senão a ella mesma, ou a quem me apresentar uma carta della, autorisando-me a fazê-lo.

JOÃO VALJEAN (*tirando uma carta do bolso e dando-lhe*).

Não seja esta a duvida: leia essa carta, senhor.

THENARDIER (*lendo*).

Sr. Thenardier.—Entregue Cosetta ao portador desta; todos os gastos ser-lhe-hão pagos.—*Fantina*.

JOÃO VALJEAN.

O senhor pôde ficar com esta carta para sua resalva.

THENARDIER (*á parte*).

A assignatura é de Fantina. (*Alto*) Porém é preciso pagar-me o que a mãe desta menina me está a dever.

JOÃO VALJEAN.

Senhor: em Janeiro deste anno a mãe desta menina pelos seus calculos estava a dever-lhe quinhentos francos. O senhor mandou-lhe no 1º de Fevereiro uma conta de quinhentos francos, e recebeu trezentos no fim do dito mez, e outros trezentos no fim de Março. De então para cá são passados 9 mezes, que a quinze francos, preço ajustado, dão um producto de cento e trinta e cinco francos. Logo só lhe devo dar trinta e cinco, que com os cem já recebidos perfazem a quantia de cento e trinta e cinco francos.

THENARDIER (*com resolução*).

Meu caro senhor, ou ha de me dar mais mil escudos, ou nada temos feito.

JOÃO VALJEAN (*entregando trinta e cinco francos a Thenardier, e pegando na mão de Cosetta que vem entrando*).

Vamos, minha filha. (*A Thenardier*) Prohibo lhe que me siga. (*Vai-se com Cosetta.*)

FIM DO QUARTO QUADRO.

QUADRO V

A ENTRADA NA QUINTA DO MOSTEIRO

Uma quinta murada; á esquerda uma pequena casa no meio de arvoredos: ao longe um convento: é noite e a lua nasce. Ao levantar o panno vé-se João Valjean, descendo do muro por uma escada de cordas com Cosetta ao collo.

SCENA PRIMEIRA

João Valjean e Cosetta.

JOÃO VALJEAN (*a Cosetta*).

Estás com somno?

COSETTA (*tremendo*).

Não; mas sinto muito frio.

JOÃO VALJEAN.

Cobre-te com o meu capote (*dá-lh'o*). (*A' parte*) Estou livre do maldito Javert. (*Ouve-se o som de um guiso.*) (*A Cosetta*) Espera-me aqui. (*Caminha para a casinha, e encontra um velho, que se dirigia a elle, singularmente vestido, e com um guiso em um dos joelhos.*)

SCENA SEGUNDA

Os mesmos e Cortavento.

JOÃO VALJEAN (*á Cortavento*).

Dou-lhe cem francos, se me der agasalho em sua casa.

CORTAVENTO (*encarando-o com surpresa*).

E esta! Não é o Sr. Magdalena, que agora vejo! Como pôde entrar aqui? dar-se-ha caso que cahisse das nuvens? Mas em que estado o vejo! sem gravata: sem chapéo: sem casaca?! Faria rapar grande susto á quem o não conhecesse?!

JOÃO VALJEAN (*sorpreso*).

Quem és?

CORTAVENTO.

Essa é boa! Não me conhece? sou aquelle para quem o senhor arranjou o emprego que tenho aqui, onde me recebêrão em virtude da sua recommendação. Não me conhece.

JOÃO VALJEAN.

Ah, já sei, és Cortavento?

CORTAVENTO.

Sim, o mesmo a quem o senhor salvou-lhe a vida.

JOÃO VALJEAN.

E que fazes aqui?! e para que serve esse guiso, que trazes no joelho?

CORTAVENTO.

Sou o guarda desta quinta; e trago este guiso para servir de signal ás senhoras que naquelle convento (*apontando-o*) habitão.

JOÃO VALJEAN.

Já sei; este é o convento do Petit-Picpus. Tens alguém em tua companhia?

CORTAVENTO.

Sou a única pessoa em casa.

JOÃO VALJEAN.

Cortavento, lembra-te que salvei-te á vida; cumpre que me deixes aqui ficar.

CORTAVENTO (*enternecido*).

Oh! Quanto me dou por feliz por se me offerecer occasião de pagar uma divida tão sagrada.

JOÃO VALJEAN.

Pois bem. Agora tenho a pedir-te duas cousas; a primeira, que não digas a ninguem que eu aqui estou; a segunda, que não procures saber de mim mais do que sabes.

CORTAVENTO.

Seja assim como quer.

JOÃO VALJEAN (*á parte*).

Vou buscar a menina (*dirige-se aonde estava Cosetta, e a traz para junto de Cortavento*). Esta menina, quero que á recebas em tua casinha.

CORTAVENTO.

Com muito gosto. (*A Cosetta*) Vamos minha boa menina. (*Leva-a.*)

SCENA TERCEIRA

Os mesmos, menos Cosetta.

JOÃO VALJEAN (*só*).

Aqui não serei farejado pelo maldito Javert. Quem poderá adivinhar que estou — *intra muros* — de um convento de freiras?

CORTAVENTO (*de volta: a João Valjean*).

O que quer mais que faça?

JOÃO VALJEAN.

Que me deixes aqui ficar.

CORTAVENTO.

E' muito difficil o que me pede, mas não lh'o posso recusar; com a condição porém de que nem o senhor, nem a menina sahirão de casa.

JOÃO VALJEAN.

Convenho.

CORTAVENTO.

Sinto ter de me ausentar hoje de casa, e deixal-os sós. Mas não ha nada que receiar, uma vez que não sahião.

JOÃO VALJEAN.

Então, te ausentas?

COLTAVENTO.

Sim, e pelo motivo que passo á expôr-lhe. Estou incumbido de uma tarefa muito singular, e ao mesmo tempo muito

espinhosa. Uma religiosa que morreu passava por santa, e as suas companheiras não querem que ella seja enterrada no cemiterio publico, mas debaixo do altar. Tenho pois de encher de arêa o caixão que veio para ser nelle conduzida a defunta religiosa, de acompanhar o carro funebre até ao cemiterio, e não voltar senão depois de enterrado.

JOÃO VALJEAN (*a parte*).

Occorre-me uma boa idéa. (*Alto*) Cortavento, a minha estada aqui não se pôde conservar secreta por muito tempo: e quanto mais me demorar neste lugar, tanto mais será o risco que corres. De mais, o que quiz, quando aqui entrei, foi livrar-me de Javert, que me vinha no encalço. Ora, isto já consegui. O que tens de fazer hoje offerece-me uma boa occasião de retirar-me daqui, sem que ninguem o veja. Aproveitarei pois o ensejo, que me é favoravel. Saltei o muro para entrar, e ninguem me vio; mas em salta-lo, quando tiver de sahir, posso ser visto, e tu serás despedido do emprego.

CORTAVENTO.

Então o que quer o senhor fazer?

JOÃO VALJEAN.

Eu t'o digo: meter-me-hei no caixão com a menina, em lugar da defunta.

CORTAVENTO.

Devéras!!!

JOÃO VALJEAN.

Mas é mister que não sejamos enterrados.

CORTAVENTO.

Isso nunca. Entrarão no caixão, e logo que chegarmos ao cemiterio, tratarei, aberta a cova, de convidar o coveiro á bebermos uma garrafa do bom vinho. O maganão gosta da pinga, e não resistirá ao convite. Dar-lhe-hei então uma boa dóse, que o adormeça. Abrirei o caixão, e o senhor sahirá com a menina; o que feito, porei o caixão dentro da cova e o cobrirei de terra. E quando acordar o bom do coveiro, lhe direi: que para lhe poupar o trabalho, fiz o que elle havia de fazer.

JOÃO VALJEAN.

Optimo, Cortavento. Mas lembro-te de abrires uns buracos no caixão, para não morrermos abafados.

CORTAVENTO.

Terei o cuidado de o fazer. Eia pois; não percámos tempo. Vamos á sacristia da igreja, onde está o caixão em que te has de meter. (*Ouve-se o sino dar duas horas.*) São duas horas; ás tres, virá o carro funebre, que o ha de levar ao cemiterio. Apressemo-nos, porque tenho ainda de abrir os buracos.

JOÃO VALJEAN.

Vai buscar a menina.

CORTAVENTO (*dirige-se á casinha, e volta instantes depois com Cosetta*).

Ei-la.

JOÃO VALJEAN.

Muito bem. (*Abraçando-o*) Amigo toma este abraço. (*Vão-se*).

FIM DO QUADRO QUINTO.

QUADRO VI

A T R A M A

Dous quartos: o da direita simplesmente mobilhado; e o da esquerda com trastes velhos e mui sujo.

SCENA PRIMEIRA

MARIO (*entrando no quarto da direita, senta-se e abre diversas cartas*).

Vejam os que dizem estas cartas, que ha pouco achei-as na rua, e provavelmente cahirão do bolso daquelle rapariga, que me deu um encontrão, quando por junto de mim passava. Não estão fechadas; por isso abro-as sem hesitação. (*Depois de ás ter lido*) Que singularidade! quatro cartas escriptas á pessoas diversas com a mesma letra, porém com differentes assignaturas!.. (*batem a porta*) Entre.

SCENA SEGUNDA

O mesmo e Eponina.

MARIO.

O que quer Vm.?

EPONINA (*entregando-lhe uma carta*).

Trago esta carta para o senhor. (*Examinando o quarto*) Ah! o senhor tem livros! Eu tambem os tenho, porque recebi alguma educação; mas foi pena ser tão incompleta. Diga-me, o senhor gosta do theatro? o espetaculo é o divertimento da minha maior paixão. Não deixo de ir a elle senão

quando o meu irmão mais moço, que préga os cartazes das peças nas esquinas das ruas, não me póde arranjar uma entrada. O senhor é bem bonito, é um cravo. Porque não olha para mim? verdade seja dita, tambem eu não sou lá das feias.

MARIO (*dando-lhe as cartas*).

Supponho que estas cartas lhe pertencem.

EPONINA (*examinando-as*).

E eu as procurava por toda parte! O senhor achou-as; cahirão por certo, quando vinha correndo, e lhe dei um encontrão. Logo que cheguei á casa dei pela falta; e como não queria ser sovada, disse a meu pai que as tinha entregado.

MARIO (*abrindo a carta que lhe entregou Eponina, e depois de a ter lido tira do bolço uma moeda e dá-lh'a*).

Aqui tem esta moeda.

EPONINA (*alegre*).

Cinco francos! que fortuna! o senhor é generoso. Passe muito bem, Sr. Mario; quero vêr se o meu velho passeador tambem o é. (*Vai-se.*)

SCENA TERCEIRA

Joudrette, sua mulher e Aselma, na possilga.

JOUDRETTE (*deixando de escrever, e fallando comsigo*).

Neste mundo não ha igualdade, nem mesmo na morte. Os grandes, e os ricos, são enterrados na alameda das accacias, e nós pobres, o somos na lama, para apodrecermos

mais depressa, e deixarmos o lugar desoccupado para outros. Porque nos da nossa classe, a miseria prepara para a ceifa da morte, muito maior numero de victimas.

A MULHER DE JOUDRETTE (*largando a costura*).

Descansa, amiguinho; para que estás a desunhar em escrever á esses desalmados? (*Entra Eponina.*)

SCENA QUARTA

Os mesmos e Eponina.

EPONINA (*ao pai*).

Elle ahi vem.

JOUDRETTE.

Quem?

EPONINA.

O velho do passeio publico.

JOUDRETTE.

Bom.

EPONINA.

E de sege.

JOUDRETTE.

Ensinaste-lhe bem a casa, não vá elle enganar-se?

EPONINA.

Não me enganei. Quando cheguei ao passeio lá estava o meu velho no banco, onde costuma sentar-se. Fiz-lhe uma

cortezia, e dei-lhe a carta. Leu-a, e disse-me: onde moras, minha filha. Respondi-lhe que eu mesma o acompanharia à casa. Não é preciso, disse-me elle. Tenho de tratar alguns negocios, e depois tomarei uma sege para chegar com menos demora á tua casa. Ensinei-lhe então a rua e o numero da casa, e elle respondeu-me: lá estarei breve.

JOUDRETTE.

Muito bem, és uma espertalhona.

EPONINA.

Não rejeito o elogio, mas veja senhor meu pai, que não posso mais andar com estes esfarrapados sapatos. E lembre-se que os gastei no seu serviço.

JOUDRETTE (*com brandura*).

Tens razão; e breve dar-te-hei novos. (*A mulher*) Mulher, o homem está prestes a chegar; apaguemos o fogo. (*Dirige-se á chaminé e o apaga.*)

EPONINA.

Com um frio destes apagar o fogo, é má lembrança.

JOUDRETTE (*a Aselma, que estava deitada na cama.*)

Depressa, desce da cama, preguiçosa: quebra já um dos vidros da vidraça. (*Aselma obedece-lhe, e chora por se ter ferido.*)

JOUDRETTE.

Tanto melhor, era isto mesmo que eu queria.

A MULHER DE JOUDRETTE.

Como, tanto melhor?

JOUDRETTE.

Caluda! (*rasga um pedaço da camisa e amarra a mão de Aselma*). Agora podemos receber o velho.

EPONINA.

Estou enregelada.

JOUDRETTE.

Muito mais frio tenho eu.

A MULHER DE JOUDRETTE.

Sempre tens tudo mais que os outros; até a maldade. (*A' Aselma que chora*) Não chores mais, minha filha.

JOUDRETTE (*á Eponina*).

O nosso velho tarda; quem sabe se virá. (*Esfregando as mãos*.) Sabem que mais, faz um frio dos seiscentos diabos nesta possilga. O nosso homem faz-se esperar! esperar! Oh! quanto aborreço a todos os ricos! julgão-se nossos superiores, e quando querem mostrar-se humanos para comnosco, até nisso humilhão-nos. Corja vil! Somos, no pensar delles, bebados e preguiçosos, e muito favor nos fazem em não appellar-nos de ladrões. Tirarei a desforra neste ricaço, que espero. Mas elle não chega, e a demora impaciente-me. Erraria a casa? Está me parecendo que sim. (*Batem á porta*.)

SCENA QUINTA

Os mesmos, Leblanc e Cosetta.

JOUDRETTE (*com hypocrisia á Leblanc*).

Entre, meu respeitavel senhor; (*entra Leblanc com Cosetta*) (*a Cosetta*) bons dias, senhorita. Como é formosa!

LEBLANC (*pondo em cima da cadeira um capote: e dá-lhe um embrulho*).

Ahi tem, senhor, alguma roupa.

MARIO (*no quarto da direita deixando de escrever*).

Será illusão minha! (*Trepando em cima da mesa, e observando por uma pequena fresta da parede*). Não me enganei: é ella mesma. (*Continúa a observar*).

JOUDRETTE (*com fingimento*).

Agradeço-lhe, senhor, a sua bondade para comigo. (*Baixo a Eponina*) Aposto que são trapos, e que entre elles não haverá nem sequer uma moeda de um franco. Lembras-te da assignatura que puz na carta para este velho?

EAPONINA (*baixo ao pai*).

Fabanton, artista dramatico.

LEBLANC (*examinando o quarto*).

Na verdade, os que habitão esta casa são bem dignos de lastima. Como se chama o senhor?

JOUDRETTE.

Fabanton.

LEBLANC.

Sim! Fabanton; agora me recorde.

JOURRETTE.

Artista dramatico, muito applaudido na scena. A fortuna sorrio-me outr'ora; mas chegou-me por sua vez o infortunio. Não tenho agora o necessario para mim, nem para a familia.

LEBLANC.

Pobre homem....

COSETTA (*acariciando Aselma que chora*).

Coitadinha!

JOURRETTE (*a Cosetta*).

Minha senhora, succedeu ha pouco um sinistro a esta pobresinha, quando estava trabalhando para ganhar seis soldos.

LEBLANC.

Coitadinha.

JOURRETTE (*com fingida ternura*).

Ah! é a pura verdade. (*A' parte á mulher*) Olha bem para elle. (*Alto a Leblanc; lamentando-se*) Veja, senhor, todo o meu fato consiste nesta camisa, já toda rasgada. Não posso sahir á rua, por não ter uma casaca: se a tivesse, por ordinaria que fosse, iria procurar alguns recursos. Não temos um soldo em casa. Minha mulher é doente: devia tratar se seriamente. Mas o medico! o boticario! como pagar-lhes? Acresce que estamos no dia 4 de Fevereiro, dia fatal, que me concedeu o meu senhorio, para lhe pagar quatro trimestres do aluguel da casa, que importão em sessenta francos.

LEBLANC.

Não trago agora dinheiro que chegue para isso, mas vou levar minha filha á casa, e voltarei á tarde.

JOURDRETTE (*a Leblanc*).

Far-me-ha um especial favor.

LEBLANC.

Não é hoje mesmo que deve pagar o aluguel?

JOURDRETTE (*com hypocrisia*).

Sim, senhor; ás oito horas da noite em ponto devo achar-me em casa do proprietario.

LEBLANC.

Pois bem: aqui estarei antes dessa hora, e dar-lhe-hei os sessenta francos. Até logo, meus amigos. (*Despedindo-se e dirigindo-se para a porta.*)

ASELMA (*a Leblanc*).

Esquece-se do seu capote!

JOURDRETTE (*zangado e baixo á Aselma*).

Quem te encommendou o sermão?

LEBLANC (*a Aselma*).

Não; deixo-o para teu pai. (*Vai-se com Cosetta.*)

MARIO (*sahindo do seu observatorio*).

Agora não perderei occasião de saber a sua morada. Estou certo que este homem que a acompanha está para ser victima de alguma cilada; eu porém aqui estou para livral-o della. (*Vai-se.*)

FIM DO QUADRO SEXTO.

QUADRO VII

A CILADA MALLOGRADA

O mesmo scenario do quadro sexto.

SCENA PRIMEIRA

MARIO (*só, no seu quarto*).

Não pude saber a sua morada, por não me recordar que o ultimo dinheiro que me restava erão os cinco francos que dei a áquella rapariga. Que contratempo!! (*Pensa.*)

SCENA SEGUNDA

O mesmo e Eponina.

MARIO (*com impaciencia*).

Que quer de mim?

EPONINA.

Por que está triste, Sr. Mario? o que tem?

MARIO.

Nada: deixe-me.

EPONINA.

Diga-me o que tem?

MARIO (*irritado*).

Deixe-me, já lhe disse.

EPONINA

Não se agaste, Sr. Mario: Vm. que não é rico mostrou-se comigo compassivo esta manhã, dando-me cinco francos. Veja lá em que o posso servir, que me achará prompta a cumprir o que me ordenar. Far-me-ha com isso favor. Vm. bem deve saber que nós pobres também temos nossas dedicações e abnegações.

MARIO (*indeciso*).

Dize-me: não foste tu que trouxeste aqui esse velho com sua filha?

EPONINA.

E' verdade.

MARIO.

Sabes onde morão?

EPONINA.

Não.

MARIO.

Desejo que m'o descubras.

EPONINA.

E' isso só o que quer?

MARIO.

Sim.

EPONINA.

Conhece-a?

MARIO.

Não.

EPONINA.

Já sei: não a conhece; mas deseja conhecê-la. (*Retirando-se.*) Breve saberá o que deseja. Adeos.

SCENA TERCEIRA

MARIO (*só*).

Não sei, se fiz bem em dar semelhante incumbencia á essa rapariga.... porém ella mostrou-se tão soffrega de prestar-me algum serviço, que não tive outro remedio senão fiar-me nella. Já fui á casa do commissario de policia preveni-lo de que talvez seja preciso ter policiaes aqui perto, para se fôr necessario, frustrarem a cilada, que presumo se prepara a esse pobre velho. Tenho mais outras providencias a dar. (*Vai-se.*)

SCENA QUARTA

Eponina, Aselma, Joudrette e sua mulher, entrando na possilga.

JOURDRETTE (*á mulher*).

Digo-te, e tenho certeza que aquelle velho que aqui veio é o mesmo homem que nos tirou Cosetta de Montfermeil.

A MULHER DE JOURDRETTE.

Não é possível.

JOURDRETTE.

Não é possível? é certissimo. Já lá vão oito annos; porém eu o reconheci logo. E' a mesma altura, o mesmo andar, a mesma composição do corpo, enfim, o mesmo semblante; só a differença é que os cabellos estão mais brancos e traja como homem abastado. Ah! cahiste-me nas unhas.... (*Á's filhas*) Ponha-se já fóra daqui.

A MULHER DE JOUDRETTE.

Até a pequena que está com a mão ferida?!

JOURRETTE.

Até ella mesma. (*A's filhas*) Safem-se, mas, daqui a pouco voltem, pois hei de precisar de vocês. (*Vão-se: á mulher, com ar mysterioso.*) Queres que te diga uma cousa?

A MULHER DE JOUDRETTE.

O que é?!

JOURRETTE.

A moça com quem veio o velho é Cosetta. E' ella mesma.

A MULHER DE JOUDRETTE (*com escarneo*).

Não o creio. (*A' parte*) Dar-se-ha que seja realmente Cosetta! Cosetta, de capa de seda, chapéo de velludo, luvas, vestido de cambraia e botinas de setim.... Cosetta, trajando á fidalga. Não, isso não pôde ser. (*Alto ao marido*) Estás sonhando.

JOURRETTE.

Pois bem, veremos. Vamos porém ao que importa-nos. (*Cruzando os braços.*) Que te parece, mulher? A traça sortirá effeito? deixar-nos-ha por fim a miseria, que ha tanto tempo nos persegue?

A MULHER DE JOUDRETTE.

Será um acaso, se o plano falhar.

JOUDRETTE.

Mas estes acasos repetem-se tantas vezes, que tenho minhas desconfianças.

A MULHER DE JOUDRETTE (*atalhando-o*).

Deixa as desconfianças.

JOUDRETTE.

Dize-me: o vizinho já sahiria? é preciso que estejamos só; porque aproxima-se a hora em que o velho deve trazer-nos os sessenta francos, que nos prometteu para o pagamento do supposto aluguel da casa.

A MULHER DE JOUDRETTE.

O velho ficou de estar aqui ás seis horas; e á essa hora costuma sahir o vizinho para ir jantar, e não se recolhe antes da meia noite. Além disso, porei as meninas de alcatêa, para nos avisarem, se antes dessa hora elle chegar.

JOUDRETTE.

Se escapar-me desta, armar-lhe-hei outra cilada. No entanto, vou dispor a minha gente, que é de mão cheia para empresas deste lote. Ainda bem que elle me não conheceu. (*Vão-se.*)

SCENA QUINTA

MARIO (*só: entrando pé ante pé no seu quarto: sobe para cima da mesa, e observa pela fresta*).

Sahirão: permitta Deos que sejam infundadas as minhas suspeitas. Se o não fõrem, tudo está prevenido. (*Desce.*)
Oh! se ella tambem viesse! mas que viria aqui fazer?

(*Medita.*) A sua imagem querida não se afasta um só instante da minha alma: conheço que amo-a, mas sem esperança de ser amado. (*Apagando a vela.*) Apaguemos esta vela para que se persuadão que não estou em casa. (*Sobe de novo á mesa, e observa pela fresta.*)

SCENA SEXTA

Joudrette, sua mulher, Eponina e Aselma.

JOUDRETTE (*á mulher*).

Azeitaste bem as dobradiças da porta?

A MULHER DE JOUDRETTE.

Sim.

JOUDRETTE.

Muito bem. Que horas são?

A MULHER DE JOUDRETTE.

Quasi seis.

JOUDRETTE (*ás filhas*).

Vão ver se o vizinho está em casa, e se não estiver tirem-lhe duas cadeiras. (*Mario desce, e esconde-se em baixo da mesa. Eponina e Aselma entrão no seu quarto ás apalpadellas, e levão duas cadeiras.*)

EPONINA (*ao pai*).

O vizinho não está em casa.

MARIO (*sobe de novo á mesa e continuando a observar*).

Se quizerem matar o pobre velho... (*tirando uma pistola da algibeira*) ameaça-los-hei com esta arma, até que cheguem os policiaes para prendê-los.

JOUDRETTE (*com anciedade*).

Se elle não vier, temos o caldo entornado.

EAPONINA.

Ouçõ passos na escada.

JOUDRETTE (*asafamado ás filhas*).

Saião já, e escondão-se no corredor. (*Vão-se.*)

SCENA SETIMA

Os mesmos, Leblanc, e depois malfeitores.

JOUDRETTE (*respeitosamente á Leblanc*).

Queira fazer o favor de entrar.

LEBLANC (*entra, e dando-lhe quatro moedas de ouro*).

Sr. Fabanton, aqui tem para os alugueis vencidos, e o resto para outras necessidades suas.

JOUDRETTE (*hypocritamente*).

Muito obrigado, senhor.

LEBLANC (*sentando-se*).

Como vai a pobre menina que se ferio?

JOURRETTE.

Muito mal; a irmã levou-a para lhe curarem a mão. Breve as verá, pois não podem tardar.

LEBLANC.

Como vai a Sra. Fabanton?

JOURRETTE.

Assim, assim. Sinto no intimo d'alma, ser ella tão adoentada; porque mulher mais serviçal não póde haver.

A MULHER DE JOURRETTE (*com fingida meiguice*).

E's muito bom, meu caro Joudrette.

LEBLANC (*sorpreso*).

Joudrette!? parece-me que o senhor chama-se Fabanton.

JOURRETTE (*meio embaraçado*).

Fabanton, nome de familia; e por alcunha de artista Joudrette. (*Entra um desconhecido de má catadura.*)

LEBLANC (*mostrando-o*).

Quem é aquelle homem?!

JOURRETTE.

E' um vizinho: não se importe com elle. (*Mostrando-lhe uma especie de taboleta que estava pregada á parede*). Meu senhor, tenho este quadro que lhe desejava vender. (*Entra outro desconhecido.*) E' uma pintura de mestre; um quadro de subido preço: estimo-o muito, porque prendem-me á elle recordações bem agradaveis para mim. Acho-me,

porém, em tão deploravel estado, que estou disposto a vendê-lo. (*Entrão mais dous desconhecidos*). Quer compra-lo? vender-lh'o-hei baratinho.

LEBLANC (*examinando-o*).

Isto, parece-me uma taboleta de estalagem: vale tres francos, quando muito.

JOUDRETTE (*á parte*).

E' tempo de acabar. (*Alto.*) Meu caro senhor; conhece-me?

LEBLANC (*com calma*).

Não.

JOUDRETTE (*tirando a cabelleira e a barba postiça*).

Não me chamo Fabanton, nem Joudrette, o meu nome é Thenardier: sou aquelle estalajadeiro de Montfermeil. (*Aos desconhecidos.*) Olho vivo com elle.

LEBLANC (*sem perturbar-se*).

Que quer dizer isto?

JOUDRETTE.

Já lh'o digo. O senhor deve estar lembrado que me levou de casa a menina Cosetta, e dahi por diante corrêrão-me mal os meus negocios. E se houvesse guardado a menina, mais tarde teria conhecido ser ella filha de pessoa abastada, que me houvera soccorrido nos meus apuros, e então não me teria arruinado. Ora, já que o senhor foi a causa da penuria em que me acho, exijo uma indemnisação. O senhor é rico e m'a póde dar.

LEBLANC (*com placidez*).

Está completamente enganado. Nem sou o pai de Cosetta, nem sou rico.

JOUDRETTE.

Não me conte historias, porque não estou disposto a ouvi-las. Apresse-se em fazer o que exijo.

LEBLANC.

Já vejo que cahi nas mãos de um salteador.

JOUDRETTE.

Salteador, ou não salteador, isso não vem ao caso. Fiz bancarrota: ando escondido: não tenho real de meu. O senhor porém, por mais que o negue, é pessoa abastada, porque se o não fôra, não teria dado mil e quinhentos francos, para levar comsigo a pequena Cosetta. (*Leblanc quer fugir.*)

JOUDRETTE (*aos desconhecidos*).

Empolguem-no. (*Elles o agarrão depois de uma curta luta, e o amarrão.*) Agora, meus camaradas, passem-lhe revista.

UM DOS DESCONHECIDOS (*depois de ter revistado todas as algibeiras de Leblanc*).

Só achei este lenço. (*Dá-o.*)

JOUDRETTE (*recebendo-o*).

Como! pois só isso! e o relógio?

O MESMO DESCONHECIDO.

Nada mais lhe achei.

JOUDRETTE (*a Leblanc*).

Visto estares agora seguro, quero tratar-te com brandura, e levar-te antes por bem, que por mal. Assim estou, que por bons modos conseguirei o que desejo de ti. Porque em verdade tens cara de bom homem.

MARIO (*descendo da mesa*).

'E' tempo de ir chamar a policia; verificou-se o que eu previa. (*Vai-se.*)

JOUDRETTE.

Isto posto, digo-te que não quero toda tua fortuna, Bastão-me cem mil francos, Já vês pois que não sou muito exigente. Logo que me fôr entregue esta somma serás posto em liberdade, depois de haveres jurado não denunciar-me. E como não tens aqui esta quantia, escreva o que vou dictar.

LEBLANC.

Como quer que escreva se estou amarrado?

JOUDRETTE.

Tens razão. (*Desamarra-lhe as mãos e o conduz para junto de uma mesa, onde ha o necessario para escrever. Dictando.*) Minha filha. A tua presença me é absolutamente necessaria. A pessoa que te entregar este bilhete está encarregada de trazer-te ao lugar onde me acho. Vem pois sem desconfiança. Agora assigne. Como se chama?

LEBLANC.

Para quem é esta carta?

JOURDRETTE.

Essa é boa!! bem o sabes: assigna. (*Leblanc assigna, Urbano Fabre.*)

JOURDRETTE (*examinando as iniciaes da carta, com as do lenço da algibeira de Leblanc.*)

U. F., é isto mesmo. Vejo que comprehendes a tua situação, e assim como escreveste tão francamente o teu nome, estou que com igual franqueza porás a tua morada na carta. Escreve pois o nome da rua, e o numero da casa em que moras. (*Leblanc escreve: Joudrette lendo.*) Rua de S. Domingos n. 17. (*A' mulher*) Aqui tens esta carta: já sabes o que deves fazer; á porta acharás uma sege: parte e volta depressa. Não percas a carta, olha que importa-nos o recebimento de cem mil francos,

A MULHER DE JOURDRETTE (*mettendo-a no seio.*)

Cá a levo bem guardada. (*Vai-se.*)

JOURDRETTE (*comsigo.*)

O negocio tem corrido ás mil maravilhas. (*Alto a Leblanc*) Sr. Fabre, minha mulher não tardará acompanhada da Calhandra, que estou certo ser sua filha. Agora, preste-me toda a attenção. Com a sua carta, ella de certo acompanhará minha mulher; entrarão ambas na sege, e o meu camarada irá na trazeira. Em certo sitio está outra sege, que os tomará e levará á um lugar determinado por mim, onde ficará sua filha com o meu camarada, até que me sejam entregues os

cem mil francos. Feito o que, ser-lhe-ha restituída sua filha, Juro-lhe, que nada tem a temer quanto á sua honra. Ouço passos ; será minha mulher?

A MULHER DE JOUDRETTE (*entrando irritada*).

Sobscripto falso...

JOUDRETTE (*sorpreso*).

Falso!!

A MULHER DE JOUDRETTE.

Indo á casa que este homem designou, e procurando pela filha de Urbano Fabre, o morador disse-me que lá não morava ninguém que tivesse tal nome,

JOUDRETTE (*com raiva á Leblanc*).

O que tinhas na mente, enganando-me?

LEBLANC (*com resolução, procurando desvencilhar-se das cordas*).

Ganhar tempo.

UM DOS DESCONHECIDOS.

Não ha que receiar, está ainda bem amarrado pelos pés.

LEBLANC.

Covardes ! podem fazer de mim o que quizerem.

JOUDRETTE (*aos desconhecidos*).

Amarrem-lhe outra vez as mãos. (*Os desconhecidos obedecem, depois de porfiada luta.*)

JOUDRETTE.

Muito bem. (*Eponina apparece á porta, atira dentro da possilga um bilhete, e apressadamente retira-se sem que a vejão.*)

A MULHER DE JOUDRETTE (*apanhando-o*).

Um bilhete!

JOUDRETTE (*tomando-lhe*).

Por onde entrou este bilhete?

A MULHER DE JOUDRETTE.

Naturalmente pela janella.

JOUDRETTE (*tomando-o e lendo em voz baixa*).

E' letra de Eponina. . com os diabos... safemo-nos.

A MULHER DE JOUDRETTE (*mostrando Leblanc*).

Sem lhe cortarmos o gasnete?

JOUDRETTE (*lançando da janella uma escada de cordas*).

Anda, mulher.

UM DOS DESCONHECIDOS (*detendo-o*).

Essa é boa? primeiro eu.

JOUDRETTE.

Estamos perdendo tempo.

O MESMO DESCONHECIDO.

Pois bem: decida a sorte quem primeiro sahirá. Venha um bonete.

SCENA OITAVA

Os mesmos e Javert.

JAVERT (*com riso mofador, e apresentando-lhe o bonete*).

Querem o meu? Não ha necessidade de passarem pela janella, a porta é franca.

OUTRO DESCONHECIDO (*dando uma pistola á Joudrette*).

E' Javert! Mata-o.

JOUDRETTE (*recebendo-a*).

Verás agora. (*Engatilha-a e aponta para Javert*.)

JAVERT (*rindo-se*).

Não atires, que erras. (*Joudrette puxa o gatilho, mas só a espoleta pega fogo*.)

JOUDRETTE (*ao desconhecido que lhe dera a pistola*).

Ah! brigante.

JAVERT (*ao mesmo, mostrando Leblanc*).

Desamarra aquelle homem, e amarra estes bandidos, enquanto apito para que subão os outros soldados. (*Apita: entrão os soldados*.) Levem-os para a cadêa.

LEBLANC (*a Javert*).

Senhor, eu lhe agradeço.

JAVERT.

A minha tarefa está concluida. (*Vão-se*.)

FIM DO QUADRO SETIMO.

QUADRO VIII

O OBSTACULO AO CRIME

Um jardim, e ao lado uma casinha: no fundo um muro, tendo no centro um portão de ferro. E' alta noite, e a lua brilha.

SCENA PRIMEIRA

EPONINA (*abrindo o portão e entrando cautelosamente*).

E' este o lugar, onde elle costuma vir todas as noites fallar com a linda mocinha, de quem está tão namorado (*passoiando*). Ah! lá os diviso sentados debaixo de um caramanchel, sem pensarem no perigo que correm. Porém felizmente acho-me aqui para guardal-os. (*Pensa.*) Sinto por aquelle mancebo uma cousa inexprimivel, e por isso constantemente sigo-o, só para ter o gosto de o ver. Ainda ha pouco pareceu-me ver meu pai acompanhado de vultos que não pude conhecer, e que se encaminhavão para aqui. Passei apressadamente por diante delles, afim de mallograr qualquer tentativa. (*Escutando.*) Não me enganei: ouço passos; oh! são elles: vou occultar-me por detrás desta arvore. (*Entrão sorrateiramente no jardim Thenardier e quatro malfeitores.*)

SCENA SEGUNDA

A mesma, Thenardier e quatro malfeitores.

THENARDIER (*aos malfeitores*).

Haverá algum cão?

EPONINA (*sahindo ao seu encontro*).

O cão sou eu! Ah! é Vm., meu pai.

THENARDIER (*sorprezo*).

Que fazes aqui? O que queres comnosco?

EPONINA.

Estou aqui, meu pai, para um fim que é bom. Vm. é que não deveria aqui estar, onde nada tem que fazer. Como safou-se da prisão?

THENARDIER.

Não quero conversa: retira-te.

EPONINA.

Porque despede-me tão bruscamente?

UM MALFEITOR.

Apage! por esta não esperavamos nós.

OUTRO MALFEITOR.

E os policiaes podem vir.

THENARDIER (*irritado: á filha*).

Retira-te, já te disse, deixa-nos em paz.

UM MALFEITOR.

Não percamos tempo.

EPONINA.

E o que ha a fazer, que requeira a minha ausencia? Certamente não pôde ser cousa boa.

OUTRO MALFEITOR (*á Eponina*).

Dize-me: ainda morão naquella casa duas mulheres?

EPONINA.

Não: já se mudarão, porém as pessoas que lá morão são pobres.

THENARDIER.

Vai-te com os diabos: quero certificar-me com a vista. (*Encaminhando-se para a casa.*)

EPONINA (*detendo-o*).

Vm. não dê mais um passo avante.

THENARDIER.

E porque, malcriada?

EPONINA (*insolentemente*).

Porque não quero, e se me não attender, gritarei, aqui d'el-rei; virão os policiaes, e todos serão agarrados.

THENARDIER (*baixo aos malfeitores*).

Ella que o diz, é muito capaz de o fazer.

UM MALFEITOR.

Mas vejamos se é capaz? (*dirigindo-se para a casa*).

EPONINA (*impedindo-o*).

Nem mais um passo. (*Tirando um apito do bolso e mostrando-o.*) Vejão bem.

OUTRO MALFEITOR.

Esganemo-la, sem o que nada faremos.

EPONINA (*ao mesmo*).

Olha, biltre, que sou filha de lobo (*tirando do bolso uma arma*) e que não os temo, apesar de serem quatro; com este pequeno revolver lhes farei saltar os miolos até a lua. Se perdêrão o amor á vida, mexão-se, e saberão para quanto presto.

THENARDIER (*á filha*).

Então, não queres que levemos ao cabo a nossa empreza? Como ganharemos a vida? Não sabes que a miseria nos cerca?

EPONINA (*com firmeza*).

Ainda que fosse criada com muito máos exemplos, e me tenha tambem precipitado no abysmo do mal, çomtudo, hoje estou disposta a resistir ás minhas más inclinações, e não ha nada que me demova deste proposito. Tenho dito.

UM MALFEITOR.

A rapariga por certo está com o diabo nas tripas. E' escusado insistirmos; retiremo-nos.

THENARDIER (*á filha*).

Deixa estar que me pagarás a peça. Ha de vir tempo de ajustarmos as contas. (*Vão-se.*)

SCENA TERCEIRA

EPONINA (*só*).

Consegui finalmente o meu intento; mas por precaução não me arredarei deste sitio. Hoje pela primeira vez da minha vida, fiz uma boa acção. (*Olhando para o fundo do jardim.*) Ei-los que se approximão; não quero que me vejam. (*Afasta-se.*)

SCENA QUARTA.

Mario e Cosetta.

MARIO.

E' hoje a primeira vez, Cosetta, que descortino em teu semblante um ar de tristeza. O que é que te preocupa o espirito?

COSETTA.

Mario: quizera occultar-te o meu pezar; mas já que a tua perspicacia o descobriu, vou dizer-te tudo, até para melhor combinarmos o que nos cumpre fazer. Meu querido Mario, saberás que esta manhã, meu pai chamou-me, e disse-me: que por certos negocios por mim ignorados, tinhamos de deixar a França.

MARIO (*segurando-lhe as mãos*).

E para onde vás?

COSETTA.

Penso que para a Inglaterra.

MARIO (*afflicto*).

Isto mata-me: e quando é a partida?

COSETTA.

Elle não m'o disse.

MARIO.

E estás resolvida a ir, Cosetta?

COSETTA.

E o que queres que faça?

MARIO.

Está bem; sei o que farei.

COSETTA (*temerosa*).

O que queres dizer com isto?

MARIO.

Nada.

COSETTA (*com expansão*).

Mario; bem sabes o grande amor que te tributo: a dôr que se ostenta neste momento em teu semblante com a nova que acabo de dar-te, sinto-a eu tambem no intimo d'alma. Mario; occorre-me porém uma salutar lembrança!

MARIO (*com presteza*).

Qual é?

COSETTA.

Acompanhar-nos nesta viagem, e....

MARIO (*interrompendo-a*).

Mas como! para isso é preciso dinheiro, e eu não o tenho. Sinto agora o pezar, de te haver occultado a minha condição. Nasci é verdade na abastança; fui bem herdado, mas esbanjei toda a minha fortuna. Tenho ainda vivo meu avô que é bastante rico, mas com quem estou desavindo, de sorte que não me posso socorrer a elle, para obter o dinheiro preciso para te acompanhar.

COSETTA (*enternecida*).

Então não me podes acompanhar?

MARIO (*fóra de si*).

Não; e a tua partida me causará a morte... (*abrandando a voz*) Dize-me, Cosetta, tu me amas?

COSETTA.

Oh! se te amo!

MARIO (*á parte*).

Vou tentar a sorte: occorre-me uma idéa, que é ir ter com meu avô, congraçar-me com elle, e pedir-lhe o seu consentimento para casar-me com ella. Estou que não será tão deshumano que m'o negue. O amor inspirar-me-ha palavras, que movão-lhe o coração. Elle é naturalmente bom; me perdoará os meus devaneios; e eu unido á Cosetta, serei feliz toda a minha vida. (*Alto*.) Cosetta, adeos minha cara Cosetta, não me esperes amanhã. (*Sahe precipitadamente*.)

COSETTA (*afflicta*).

Meu Deos, protegei-o. (*Vai-se*.)

FIM DO QUADRO OITAVO.

QUADRO IX

A LICENÇA PARA O CASAMENTO

Sala bem mobiliada. Ao levantar-se o panno vê-se o Sr. Guillenormand pensativo, sentado em uma poltrona, defronte de sua filha.

SCENA PRIMEIRA

Guillenormand e sua filha.

GUILLENORMAND (*comsigo*).

Desde que aquelle ingrato deixou a minha casa, sinto a falta que me faz. Ah! se elle soubesse da amizade que lhe tenho, ha muito já teria voltado para aqui.

A FILHA DE GUILLENORMAND.

Meu pai, porque ainda está mal com meu sobrinho Mario?

GUILLENORMAND (*arrebataadamente*).

E' um ingrato, sem coração e sem alma: é um soberbo. Já te disse por mais de uma vez, que não me preferisses o seu nome. Deixa-me só. (*A filha sahe da sala.*)

UM CRIADO (*apparecendo, e entregando-lhe um bilhete de visita*).

O dono deste bilhete o procura.

GUILLENORMAND (*como se recebesse um choque electrico, lendo o nome de Mario*).

Que Sr. Mario é esse? manda-o entrar.

SCENA SEGUNDA

O mesmo e Mario.

GUILLENORMAND (*arreatadamente a Mario*).

Que vem o senhor aqui fazer?

MARIO (*confuso*).

Senhor.... venho pedir lhe perdão, e que se compadeça de mim.

GUILLENORMAND.

Que me compadeça do senhor?! Essa é boa! Pois o senhor que é moço, quando eu já conto oitenta janeiros, que frequenta os theatros, os botequins, os bilhares; que passa por espirituoso, e é o mimoso das moças; e que vive vida tão folgada, necessita de que eu me compadeça de si?! Se fosse um infeliz, vá que me pedisse compaixão, mas (*ironicamente*) o senhor não está neste caso. Mas, emfim, em que é que lhe posso prestar?

MARIO.

Senhor, vejo que a minha presença o incommoda, acho pois mais acertado retirar-me.

GUILLENORMAND.

E quem lhe diz que se retire? sente-se. Não se espante de não recebê-lo de cara alegre, pois deve estar lembrado que sahio de minha casa, sem que lhe eu tivesse dado motivo; mas só porque queria ter uma vida desordenada. Mas emfim, diga-me em poucas palavras, o que pretende de mim?

MARIO.

Senhor, venho pedir-lhe licença para me casar.

GUILLENORMAND (*sorpreso*).

Casar se! Sim, não me admira, porque os republicanos como o senhor, gostão muito da propagação da especie. Querem que a patria tenha numerosos filhos, ainda que todos sejam farroupilhas, porque assim se tornará mais respeitada dos estrangeiros. Demais, é preciso para fazer revoluções umas após as outras, que o numero da gentalha seja crescido. Vamos porém ao caso. Quer casar-se? e com quem, se não é indiscrição minha perguntar-lh'o. Traz-lhe dote a noiva?

MARIO (*desanimado*).

Nenhum.

GUILLENORMAND.

Então pretende sustentar os encargos do matrimonio, só com a pequena mezada que lhe dou? Está bem servido.

MARIO.

Senhor, ainda posso viver de advogar, para o que estou habilitado, com a minha carta de bacharel em leis.

GUILLENORMAND.

Se tiver juizo, bem pôde ser que seja feliz. Mas como chama-se a futura noiva? Estcu que não pôde ser cousa boa, porque uma moça bem educada e de juizo não vai casar-se com um doudo.

MARIO.

Senhor, tempere a linguagem ; a mulher que escolhi para esposa não cede em dotes do espirito e do coração á mais requintada fidalga.

GUILLENORNAND (*com ironia*).

Já sei, é um anjo terrestre (*com impaciencia*). Mas emfim, diga-me o nome della.

MARIO.

Chama-se Mlle. Cosetta Cortavento.

GUILLENORMAND.

Que!! Corta Ventas!! Esta não está má. Os taes senhores republicanos são uns exquisitos de primeira ordem. Tem nomes celebres... v. g., Corta Ventas, e talvez o pai chame-se Corta Cabeças. Isto mesmo é proprio de republicanos. Sim, senhor meu neto; muito bem. Está o senhor ajustado a casar-se com a Mlle. Cosetta Corta Ventas.

MARIO (*interrompendo-o e meio agastado*).

Diga Cortavento.

GUILLENORMAND (*continuando*).

E peça á Deos, senhor meu neto, que este anjo exterminador não lhe corte as ventas, as orelhas, e afinal o pescoço.

MARIO (*formalisado*).

Basta de zombaria. Aqui vim, senhor, para testemunhar-lhe o meu respeito, pedindo-lhe como neto o seu consentimento para casar-me com uma moça digna de mim. O nome da

sua familia não póde ser objecto de mófa, porque se o senhor quizer ser sincero, confessará que entre fidalgos de primeira plaina, ha tambem nomes tão estramboticos, como os que o senhor diz serem os dos republicanos. Tenho cumprido o meu dever, e peço venia para retirar-me. (*Vai-se.*)

SCENA TERCEIRA

GUILLENORMAND (*em voz alta*).

Mario! Mario! vem cá. Olá, chamem-no (*chegando á janella e olhando*). Já transpoz o portão da casa, e vai-se com passos apressados. Oh! que rapaz tão assomado! Estava gracejando e nunca suppuz que elle tomasse o caso ao serio. E' uma cabeça de vento: ha de ser sempre o mesmo. Hei de vingar-me deste novo desacato; sim, vingar-me como cavalleiro, isto é, consentindo no seu casamento. (*Vai-se.*)

FIM DO QUADRO NONO.

QUADRO X

A RECONCILIAÇÃO E O DOTE

O mesmo scenario do quadro nono. Ao levantar-se o panno vê-se Guillenormand e Mario sentados. E' dia.

SCENA PRIMEIRA

Mario e Guillenormand.

GUILLENORMAND (*a Mario*).

Emfim, depois de passados cinco mezes bem compridos estais curado dos teus ferimentos. E que diabo te levou a entrares tambem na tomada da Bastilha? (*Enternecido.*) Meu querido Mario, se morresses, parece-me que não te sobreviveria.

MARIO (*distrahido e á parte*).

O que terá succedido em todo esse tempo que estive á morte? Onde estará ella? Partiria para a Inglaterra?

GUILLENORMAND.

Estás a fallar só como um doudo! Trata da tua convalescença, e depois cuidarás no mais.

MARIO.

Desgostoso da vida, atirei-me com denodo ao motim. Escapei felizmente das feridas que recebi e que já estão cicatrizadas. Trago porém uma no coração que ainda sangra. Essa recebi-a eu da sua mão. O senhor meu avô deve estar bem lembrado dos sarcasmos que jogou-me, quando eu em

signal de respeito lhe vim pedir licença para casar-me com Cosetta. Reconheço-me porém devedor da bondade com que me tem tratado durante a minha enfermidade. Todavia, não posso estar aqui mais tempo. E' mister que eu saiba o que é feito de Cosetta; quero vê-la, se é que ainda está em França.

GUILLENORMAND.

Socega (*toca uma campainha: apparece um criado a quem dá um recado em voz baixa: á Mario*). Ella não tardará. Cosetta aqui manda todos os dias um velho para saber noticias tuas. Desde que adoceste, passa o tempo a chorar. Tirei informações; mora na rua do Homem Armado. Mandei-a chamar, e d'aqui a pouco a verás.

MARIO.

Senhor, como lhe agradecerei tamanho favor.

GUILLENORMAND.

Mario, quiz dar-te uma prova da minha sincera amizade. Tomaste ao serio os meus joguetes, quando me fallaste no teu casamento, e no nome de tua futura noiva. Retiraste-te assomadamente, partiste como um raio. Mas desde então, fiz proposito de tirar a desforra. Sim, vê-la-has hoje mesmo.

CRiado (*baixo á Guillenormand*).

As pessoas que o senhor me mandou chamar já chegarão.

- GUILLENORMAND (*baixo ao mesmo*).

Bem, ellas que entrem.

SCENA SEGUNDA

Os mesmos, Cosetta e João Valjean.

MARIO (*vendo Cosetta, e indo pressuroso ao seu encontro*).

Minha boa Cosetta!!

COSETTA (*abraçando-o*).

Meu caro Mario!

GUILLENORMAND (*a João Valjean*).

Senhor, tenho a honra de pedir a mão da senhora sua filha, para meu neto o Sr. barão Mario de Pontmercy.

JOÃO VALJEAN (*fazendo uma reverencia a Guillenormand*).

Convenho neste consorcio.

COSETTA (*alegre a Mario*).

Emfim, Mario, vamos unir-nos para sempre. Não sabes quanto me fizeste soffrer com a tua enfermidade, mas perdôo-te com a condição porém de te não metteres n'outra.

MARIO (*com transporte*).

Minha Cosetta! minha adorada Cosetta!!

GUILLENORMAND (*á filha*).

Eu bem te dizia que havias de ficar tia. (*Pegando na mão de Cosetta e beijando-a.*) E' linda como um anjo. (*A' Mario*) Então estás contente, maganão?

MARIO (*ternamente á Guillenormand*).

Meu pai, permitta que eu de hoje em diante assim o chame.

GUILLENORMAND (*abraçando-o*).

Acceito.

JOÃO VALJEAN (*á Guillenormand*).

Euphrasia Cortavento possui seiscentos mil francos!!! (*entregando uma carteira á Guillenormand*). Dentro desta carteira existem seiscentos mil francos.

GUILLENORMAND (*recebendo-a*).

Isto é realmente ouro sobre azul. Como o endiabrado deste Mario foi desenhado uma rollinha bonita, e bem dotada. (*Abraçando-os*.) Meus filhos, um futuro prospero vos aguarda.

FIM DO QUADRO DECIMO.

QUADRO XI

A DECLARAÇÃO DO CALCETA

O mesmo scenario do decimo quadro. Ao levantar-se o panno, vê-se um criado arranjando a mobilia em desordem

SCENA PRIMEIRA

Criado e João Valjean.

CRIADO (*a João Valjean*).

Ah! é o senhor?! Bons dias.

JOÃO VALJEAN.

Seu amo já acordaria?

CRIADO.

Qual delles? o velho ou o moço?

JOÃO VALJEAN.

O Sr. Pontmercy.

CRIADO.

Sim, senhor.

JOÃO VALJEAN.

Bem: vá dizer-lhe que uma pessoa deseja fallar-lhe; e não lhe diga que sou eu. (*O criado sahe: João Valjean senta-se.*)

SCENA SEGUNDA

O mesmo e Mario.

MARIO (*indo alegre ao encontro de João Valjean*).

Como! é o senhor! e esse estúpido criado não m'o disse. Como estou satisfeito de vê-lo? não sabe a falta que nos fez hontem. Como vai da sua mão? Muito fallámos no senhor: Cosetta quer-lhe tanto! Não se esqueça que tem aqui um aposento, e que não quero que more fóra...

JOÃO VALJEAN (*interrompendo-o*).

Senhor, eu queria...

MARIO (*atalhando-o*).

Não admitto réplica. O senhor conquistou a amizade de meu avô, e como sabe jogar o whist, passará a jogá-lo ás noites com elle. E' bom parceiro, e sabe sazonar o jogo com boas pilherias.

JOÃO VALJEAN (*gravemente*).

Senhor, tenho uma cousa muito importante que declarar-lhe. (*Com supremo esforço*.) Sou um antigo calceta (*mostrando-lhe o hombro*). Não podia assistir ao seu casamento como testemunha, porque isso lhe importaria nullidade.

MARIO (*estupefacto*).

Mas, o que significa isto?

JOÃO VALJEAN.

Significa que sou um forçado.

MARIO (*fóra de si*).

Um forçado!!

JOÃO VALJEAN (*com calma*).

Sr. Pontmercy, estive dez annos nas galés, por crime de roubo: fui depois condemnado a trabalhos perpetuos, por outro crime de assassinato, e hoje sou um calceta evadido das galés.

MARIO.

Senhor, tudo o que acabo de ouvir faz-me pasmar: porém diga-me: o senhor é o pai de Cosetta?

JOÃO VALJEAN.

A este respeito é tambem necessario que o senhor acredite na minha palavra. Ouça-me. Não sou pai de Cosetta: se quer que eu o jure, juro. Sou um antigo camponez de Faverolles, que vivia de podar videiras. Não me chamo Cortavento: o meu verdadeiro nome é João Valjean.

MARIO.

João Valjean! o afamado calceta!

JOÃO VALJEAN.

Sim, elle mesmo. Ouça a minha historia. A minha estréa na carreira do mal, deixando o officio que aliás dava-me para viver, foi commetter um roubo, pelo qual fui punido com cinco annos de prisão. Satisfeita a pena, reincidi no mesmo crime com circumstancias aggravantes, e fui sentenciado a trabalhos forçados perpetuos. Cumprida esta sentença, e sendo agazalhado tão caridosamente por um

excellente Bispo, tive o arrojo de pagar-lhe o beneficio com uma ingratição, furtando-lhe uns talheres de prata. No momento, porém, em que fugia da casa do meu bemfeitor, fui agarrado por soldados de policia, que me levárão á presença do Bispo. Este virtuoso homem, que já tinha noticia da minha malfeitoria, livrou-me da prisão, dizendo aos soldados que me prendêrão que elle me havia dado os talheres, acrescentando que eu me esquecêra de levar tambem os castiçoes de prata, que estavam sobre a chaminé da sala contigua ao meu aposento, e que erão meus. Então, tomando me á parte, disse-me: João Valjean, meu irmão, o senhor já não pertence ao mal, acabo de comprar-lhe a alma, arranco-a das garras de Satanaz e a dou á Deos. Todavia, o meu máo fado impellia-me ao crime. Não satisfeito com o que já havia praticado, continuei no caminho da perversidade. Constitui-me salteador; accometti na estrada um pobre saboyano, roubei-o, e matei-o. Era o primeiro assassinato que commettia. Então lembrei-me das palavras do virtuoso Bispo, e uma dôr pungente partio-me o coração. Um raio de luz ceeste veio illuminar o meu espirito, e mover-me a mudar de vida. Aproveitando-me de ter illudido a policia por algum tempo, tornei-me um industrioso. Tive uma officina, onde era empregada a mãe de Cosetta; e pelo meu bom comportamento cheguei a merecer dos meus concidadãos a honra de ser nomeado juiz. Aconteceu ser presa a mãe de Cosetta, por haver insultado um homem; mas conhecendo que fôra ella provocada, ordenei que a soltassem; e como ella se achava doente, recolhi-a a minha casa, não só para trata-la, mas tambem para reparar o mal que lhe fizera, despedindo-a da minha officina. Foi então que ella me declarou ter uma filha de nome Cosetta, que se achava em Montfermeil, na estalagem de um certo Thenardier, a quem ella pagava uma pensão, para manter a filha. Prometti-lhe satisfazer

esta pensão, e tomar Cosetta para educa-la. O inspector que havia prendido a mãe de Cosetta, despeitado porque ordenei-lhe que a soltasse, e que tinha desconfiança de ser eu João Valjean, apressou-se em denunciar-me á policia de Arrhas, como sendo o celebre forçado, autor do assassinato do saboyano. Mas, quando deu elle a denuncia havia sido preso um certo Champ-Matieu, que pareceu ao carcereiro ser o verdadeiro João Valjean, e por tal a mesma policia o tomou, e a quem se imputou o dito assassinato. Então Javert, suppondo estar em erro, veio accusar-se a mim mesmo, do que havia feito. Não me soffreu o coração, que eu que tinha um crime a expiar, consentisse que outrem fosse castigado em meu lugar. Vi no successo, a mão de Deos, que sobre mim pesava, e ao mesmo tempo me impellia a expiar esse crime. Resolvi-me pois a ir denunciar-me para salvar ao innocente. Fi-lo, e como voltasse á casa, para tratar do negocio da mãe de Cosetta, fui intimado pelo mesmo Javert a acompanhá-lo até á prisão. Como a mãe de Cosetta porém estivesse doente, vendo-me preso, tamanha foi a sua dôr, que expirou instantaneamente. Recolhido outra vez ás galés, pude ainda evadir-me. Então, tratei de desempenhar a minha palavra dada á fallecida, indo buscar sua filha, e tratando-a como se fôra minha propria. E posto que tenha escapado á vigilancia da policia, e hoje não seja aquelle mesmo mão homem que fui outr'ora, comtudo, senhor, ainda sou, como já lhe disse, um calceta evadido das galés.

MARIO.

Diga-me porém, senhor, como pôde haver seiscentos mil francos para dotar Cosetta.

JOÃO VALJEAN.

Eu lh'o digo. Quando era fabricante, a fortuna sorriu-me; pude ganhar licitamente seiscentos mil francos; e como

havia adoptado Cosetta por minha filha, reservei esta somma para seu dote, depositando-a nas mãos de um honrado banqueiro, que me prometteu restitui-la, logo que eu lh'a pedisse, como de facto o fez. A mãe de Cosetta não era má mulher : e Cosetta bem inclinada como era, recebeu a mais apurada educação.

MARIO.

Sr. João Valjean, tenho ouvido a historia da sua vida. No meu conceito, estão apagados todos os seus crimes. Quanto mais profunda é a queda do homem, tanto maiores devem ser os seus esforços para a sua reabilitação. Estes, o senhor os fez, e de um malfeitor consummado, que era, tornou-se um exemplar de virtudes. Permitta pois, que o abraçe, e insista em morar connosco. Tenho algum valimento, e envidarei todos os meus esforços, para que o senhor seja reabilitado civilmente.

JOÃO VALJEAN.

Não, senhor. Quando um homem tem tocado á méta dos crimes, muito embora venha-lhe depois o arrependimento, e mudança de vida, comtudo a sua reabilitação não é neste mundo, mas no outro, onde Deos perdôa-nos todas as culpas. (*Sahe.*)

FIM DO QUADRO UNDECIMO.

QUADRO XII

O ARDIL

O mesmo scenario do undecimo quadro. Ao levantar-se o panno, vê-se Mario sentado em uma poltrona.

SCENA PRIMEIRA

Mario e um criado (*entregando-lhe uma carta*).

MARIO (*depois de lê-la*).

Thenardier?! Esta letra é a mesma de uma carta que Eponina entregou-me, quando me achava no quarto contiguo á possilga desse Thenardier. (*Ao criado*) Manda-o entrar.

SCENA SEGUNDA

O mesmo e Thenardier.

THENARDIER (*fazendo-lhe uma cortezia*).

Creio haver tido já a honra de me encontrar com o Sr. barão na casa de... não me recordo já. Mas o que aqui me traz é revelar-lhe um grande segredo.

MARIO.

Sente-se. Mas que segredo é esse?

THENARDIER (*depois de sentado*).

Sr. barão, mal sabe V. Ex. que está casado com a filha de um ladrão e assassino. Este é João Valjean, pai da

Sra. baroneza. Sei tambem que elle a dotára com seiscentos mil francos, adquiridos com o assassinato de um mancebo, assaz abastado, que tomára parte no assalto que se deu á Bastilha. V. Ex., como victima do embuste de um perverso, não o deve poupar, mas antes promover o seu castigo.

MARIO (*interrompendo-o*).

Quanto a dizer-me o senhor, que João Valjean é pai de Cosetta, tenho certeza do contrario. E se o assassinato a que allude é o de um saboyano, tambem o sei. Mas, Sr. Thenardier, quaesquer que fossem os crimes de João Valjean, elle os ha apagado, praticando virtudes tão dignas de admiração, que se por ventura fôra o proprio pai de Cosetta, não me envergonharia de ser seu genro. Portanto, se é esse o segredo importante que o senhor tinha de revellar-me, póde retirar-se desde já.

THENARDIER.

Sr. barão, saiba ainda mais que os seiscentos mil francos, com que Cosetta foi dotada, são o fructo de um roubo precedido de um assassinato. Ouça-me.

MARIO.

Eu o escuto.

THENARDIER.

Na celebre jornada do ataque da Bastilha, combatia com os patriotas um mancebo de sangue illustre, e bem aquinhado nos bens da fortuna. O maldito João Valjean, sabendo quem elle era, e aproveitando a occasião do assalto,

matou-o com uma punhalada. E para melhor occultar o seu crime, visto como os patriotas erão mortos a balas, e não a punhaladas, tomou o cadaver desse mancebo, e o levou sobre os hombros por entre um dos esgotos de Pariz, para o lançar no rio Sena. Casualmente, eu tambem alli me achava, e quando João Valjean, que levava o cadaver sobre os hombros, passou por junto de mim, suppuz logo que elle perpetrára o crime para locupletar-se com os bens do defunto. Occorreu-me então cortar um pedaço da aba da casaca da victima, com o fim de o denunciar opportunamente. Esse pedaço da casaca aqui o tem (*tirando-o da algibeira e entregando-lhe*). Ora, depois deste successo, João Valjean apresenta-se possuindo uma fortuna de seiscentos mil francos. Logo tenho razão de dizer, que o dote da Sra. baroneza de Pontmercy foi adquirido por João Valjean, mediante um crime horroroso. Depositario como sou deste segredo, que até hoje só communiquei a V. Ex., não terei duvida em vender-lh'o, mediante a quantia de cem mil francos, e deixar com minha familia este paiz onde nasci. Isto não pôde deixar de convir a V. Ex.

MARIO (*examinando o pedaço da aba da casaca: á parte*).

Meu Deos, que vejo! é este o panno justamente da casaca que trazia quando assaltámos a Bastilha! (*Alto á Thenardier.*) O senhor tenha a bondade de esperar. (*Retira-se: voltando instantes depois com uma casaca e mostrando-a.*) Senhor, eis aqui a casaca donde foi rasgado este pedaço de panno que ha pouco entregou-me. E' esta mesma que eu trazia, quando com os patriotas achei-me no ataque da Bastilha. O mancebo que João Valjean levava ás costas, sou eu mesmo. Nenhuma punhalada recebi; mas ferimentos de balas. A prova está nesta mesma casaca: veja-a, senhor, (*mostrando os buracos de balas na casaca*). Esse homem,

pois, que ha pouco o senhor denunciou-me ser o assassino de um mancebo, foi o proprio que o salvou. E esse mancebo, como já disse, sou eu mesmo. Então, estará desmascarada a sua calunnia? Pois bem, agora vou propôr-lhe uma cousa, que é muito do seu interesse. Estou que sabe a vida de João Valjean, e que talvez o possa inquietar : pois bem, saiba agora, que eu tambem o conheço.

THENARDIER (*sorpreso*).

E como!!?

MARIO.

Eu lh'o digo. Acaso estará esquecido de um mancebo, que morou no quarto contiguo á sua possilga? E da cilada á aquelle bom velho, que foi levar-lhe o dinheiro para o senhor pagar o supposto aluguel da casa, que lhe disse estar devendo? Ora, aquelle mancebo sou eu mesmo, e fui eu tambem quem fui previnir á policia do que se tramava. Além disso, deve tambem estar lembrado do assassinato de uma senhora para lhe roubar vinte mil francos. Como vê, sei tambem de todos os seus crimes, e desde já o poderia entregar nas mãos da justiça se quizesse. Mas ainda me lembro de um favor que me prestou sua filha Eponina; quero pois pagar esse favor, e ao mesmo tempo salvar João Valjean. Isto posto, proponho-lhe o seguinte: que guarde o mais profundo silencio sobre a vida passada de João Valjean, porque se ousar dizer uma só palavra contra aquelle que me salvou a vida, esteja certo, e juro pela minha honra, que irei denuncia-lo á justiça; que serei o seu mais acerrimo accusador; que envidarei emfim todos os meus esforços, para que a sua condemnação seja infalivel. Deixo-lhe á escolha.

THENARDIER.

Sr. barão, juro deixar em paz o Sr. João Valjean, e peço-lhe pelo amor que tem á Sra. baroneza que me não persiga.

MARIO.

Pois bem, fiquemos nisto. Retire-se da minha vista.

THENARDIER (*retirando-se*).

Sr. barão, desculpe-me. (*Vai-se.*)

FIM DO QUADRO DUODECIMO.

QUADRO XIII

A CONVERSÃO

Sala pobremente mobilhada. Ao levantar-se o panno vê-se João Valjean com um barrete de meia na cabeça, e com o hombro esquerdo descoberto, divisando-se nelle as letras T F, sentado em uma velha poltrona, e indicando achar-se bastante enfermo.

SCENA PRIMEIRA.

JOÃO VALJEAN (só).

Emfim, são já passados cinco annos, que tive a felicidade de ver casada a minha querida Cosetta. Desempenhada a minha promessa feita á sua mãe, procurei emendar a minha vida, não para rehabilitar-me entre os homens, mas para obedecer aos dictames da minha consciencia, illuminada por um raio de luz celeste. Todavia o remorso dos meus crimes nunca me abandonou. Era isso mesmo uma prova de que ainda alguma cousa me faltava para satisfazer á justiça divina. Sim, depois de haver feito a paz com os homens, conhecia que necessitava da paz de Deos comigo. Mas como podia eu obtê-la? Lembrei-me então dessas saudaveis doutrinas religiosas que minha pobre mãe me ensinára na infancia ao lar domestico. Só ahi encontrei o que a minha alma desejava ardentemente, isto é, o unico meio de reconciliar-me com Deos. Já o fiz, e agora minha alma sente uma paz interior como nunca tivera. E o que seria feito de mim, se não fôra essa educação religiosa que recebi em tenra idade, e que não póde ser inteiramente apagada pela pratica do crime, nem por essa escola de immoralidades, denominada prisões, onde o infeliz que alli entra ainda mais pervertido se torna? Oh! quanto melhor fôra que os directores das sociedades humanas se occupassem antes em bem

educar o povo, e fomentar-lhes os sentimentos religiosos do que em cavar masmorras, construir fortalezas, e levantar cadafalsos, para punir os crimes á que os homens são muitas vezes arrastados pelas más instituições que regem a sociedade! Dizemo-nos christãos, e comtudo o christianismo não está encarnado nas instituições sociaes, nem nos habitos dos homens. E dahi esse canero do mal que rôe as sociedades modernas, e ameaça consumi-las. Dizem que estamos no seculo do progresso! Verdade é que a industria moderna ostenta maravilhas estupendas. Mas que importa isto, se a moralidade definha? Que importa multiplicarem-se os gozos se o homem não é ensinado a usar delles com sobriedade? E se a mór parte destes gozos são reservados a um pequeno numero de bem afortunados, ao passo que a maioria nem sequer tem o necessario á mantença da vida? Que importa multiplicarem-se os portentos da industria, se ao mesmo tempo multiplicão os crimes, e as occasiões de commettê-los? Que importa essa caridade official e calculada; que não tendo por fundamento o amor ao Crucificado, e a propria abnegação, nem sequer inspira ao pobre o reconhecimento, antes lhe suggere á idéa que a sociedade paga-lhe uma divida? E essa caridade, producto de divertimentos e occasiões pecaminosas offerecidas aos ricos, para distribuir aos pobres, aos enfermos, ás viuvvas e aos orphãos um mesquinho obulo salpicado do sensualismo? E é assim que a sociedade pretende corrigir os vicios e fazer caminhar com passo igual o melhoramento material e moral? Não por certo! Logo, o nosso progresso actual não está completo; falta-lhe o que ha de mais essencial, isto é, o predominio do sentimento religioso. Sei que fazer do homem um anjo é impossivel; mas entre o anjo e Satanaz, póde haver o homem menos imperfeito; e esse só a religião o póde dar.... Sinto desfallecer-me, e elles ainda não vierão.
(*Adormece.*)

SCENA SEGUNDA

O mesmo, Mario, Cosetta, e uma criada.

MARIO (*á parte: olhando para João Valjean*).

Dorme... Não ha mais esperanças de o salvar, segundo me disse o medico. Pobre João Valjean. O coração parte-se-me de dôr.

COSETTA (*á Mario, com ar de tristeza*).

Então, meu amigo, não podemos contar mais com o restabelecimento de meu pai?

MARIO (*procurando consola-la*).

Cosetta! Não te afflijas, bem pôde ser que teu pai escape.

COSETTA.

Não me posso conter, vou beijar-lhe á mão. (*Encaminhando-se para onde está João Valjean.*)

MARIO.

Cosetta, não o faças porque pôdes accorda-lo: espera um pouco.

COSETTA.

Não posso. (*Approxima-se de João Valjean, e quando lhe vai beijar a mão vendo no hombro a marca T F, dá um grito e desmaia nos braços da criada.*)

MARIO.

Pobre Cosetta: certamente ella vio as fataes letras.

JOÃO VALJEAN (*acordando e avistando Cosetta*).

Que vejo! Cosetta desmaiada! ah! ella vio estampado no meu hombro o ferrete da minha infamia, e suppõe-me ser seu pai. (*Chamando-a.*) Cosetta! Cosetta!

COSETTA (*tornando a si*).

Que horror! trabalhos forçados! o que vi foi realidade ou illusão dos meus olhos; seja como fôr, é meu pai.

JOÃO VALJEAN.

Cosetta.

COSETTA (*approximando-se, ajoelhando-se e beijando-lhe a mão*).

Meu pai.

JOÃO VALJEAN (*erguendo-a*).

Cosetta, tu me chamas teu pai; e n'um sentido o sou realmente, porque te criei como filha e salvei-te da perdição. Estou certo que agora não ignoras o que fui em minha vida, porque neste hombro (*mostrando-lhe*) trago o attestado dos meus crimes passados. Mas, minha boa Cosetta, elles nada tem contigo, porque agora te revelo que não sou teu pai por natureza (*tirando da algibeira um papel e dando-lh'o*) Aqui tens este documento, por onde saberás quem foi teu pai, e qual é a tua linhagem. Ahi verás que teu pai foi um nobre cavalleiro, que secretamente casou-se com tua mãe, por não ter a força de resistir aos preconceitos da gente da sua classe. Morto teu pai na guerra, os parentes puderão subtrahir e occultar o seu contrato de casamento com tua mãe; é este mesmo que te acabo de entregar. Consummada essa iniquidade, apoderarão-se dos bens de teu pai,

e tua mãe, reduzida á miseria, entregou-se ao excesso de bebidas que lhe abreviou os dias. Esses malvados parentes ainda hoje existem ; mas, minha cara Cosetta, se alguma coisa te mereço, peço-te que lhes perdões, e não procures revindicar teus bens, porque delles não precisas. E' um pedido que proximo á morte te faz um homem que a sociedade repellio do seu seio, imprimindo-lhe o ferrete da ignominia, em favor de outros, á quem ella considera e os reputa honrados.... Que vejo ! o bom Bispo me chama..... Sinto gelar-se-me o sangue nas veias e tolher-se-me a voz.
(*A' Mario e Cosetta abraçando-os*) Meus filhos, eu morro.
(*Expira.*)

FIM.

17583

